

LEIA nesta edição:

- 20 perguntas para a ABCZ
- O papel do Nelore no 3º Mundo
- Os 20 Mandamentos para matar sua Associação
- Agricultura: auto-suficiência é a solução
- Rômulo Kardec e o Zebu Brasileiro

ISSN 0101-1758

AGROPECUÁRIA TROPICAL

Nº 69 — MAIO/JUNHO — 1989

O GADO MENOS PREMIADO DO BRASIL



Fazenda Trindade
JOÃO BATISTA DE ANDRADE
Fones: (071) 248-2443 / (075) 278-2123



EM SE PLANTANDO
TUDO DÁ



FAZENDA *Nova Delhi*

ANTÔNIO F, TARZAN

Av. Luiz Tarquínio, 20, Roma - Telex: 071.1608 - Sili. BR -
Fones: (071) 221-5161 / 226-3036



RAPOSO JÚNIOR DA NOVA DELHI -

Um dos touros mais premiados do Brasil - Aos 40 meses, 975 kg.

- Cp. Bezerra, Ipiaú/86 - Cp. Bezerra, Rui Barbosa/86 - Cp. Bezerra, Melhor Novilho Precoce, Recife/86 - Res. Cp. Júnior Menor, Expoinel/87 - Res. Cp. Júnior Menor, Barretos/87 - Melhor Novilho Precoce, Barretos/87 - 1.º Prêmio Nacional, Uberaba/87 - Cp. Júnior Menor, Brasília/87 - Melhor Novilho Precoce, Brasília/87 - Grande Campeão da Raça, Brasília/87 - Grande Campeão, Feira de Santana/87 - Cp. Júnior Maior; Res. Grande Campeão, Salvador/87 - Cp. Júnior Maior, Res. Gde. Campeão, Teresina/87
- Cp. Touro Jovem, Grande Campeão, Barretos/88 - 2.º Prêmio, Expoinel, Uberaba/88 - Cp. Touro Jovem, Uberaba/88 - Cp. Touro Jovem, Grande Campeão da Raça, Riachão do Jacuípe/88 - Cp. Touro Jovem, Grande Campeão, Feira de Santana/88 - Cp. Touro Jovem, Res. Grande Campeão, Recife/88 - res. Cp. Touro Jovem, Fenagro, Salvador/88 - Cp. Touro Jovem, Grande Campeão da Raça, ENZEBU, Salvador/88.



RAPOSO - 1.200 kg

- Tricampeão Senior Nacional
- Bicampeão Internacional

Progênie de RAPOSO:

GRACEJO DA NOVA DELHI, GRUPIARA DA NOVA DELHI, GINURA DA NOVA DELHI, HAKUNI DA NOVA DELHI.

- Melhor Progênie, Feira de Santana/88
- Melhor Progênie, Expo. Nordestina, Recife/88
- 2.º lugar Progênie, Fenagro, Salvador/88
- todos os animais foram, por várias vezes, campeões individuais.

**FAZENDAS REUNIDAS TARZAN - Participando da NOITE DO NELORE NACIONAL
UBERABA - 28 de abril - Clube Uirapuru
Animais das linhagens: RAPOSO, PADHU E AKAZAMU**

AGROPECUÁRIA TROPICAL

AT - Nº 69 - MAIO/JUNHO - 1989

Fundador: Virgolino de Farias Leite Neto ("PARAÍBA PECUÁRIA"), cognominado "O patrono do Zebu Nordestino", pela EMBRAPA; sucedido por Rinaldo dos Santos ("AGROPECUÁRIA TROPICAL").

DIRETORIA: Sebastião José da Motta, Marco Antônio Pinsetta, Cláudio Sabino de Carvalho. Suplentes: Gilmar Cordeiro de Sousa, João Machado Prata Jr., Marcelo Holanda Guerra.

DIRETOR EXECUTIVO: Rinaldo dos Santos
 Jornalista: Beatriz Alves Fomes (MTB - 4.402)
 DEPTO. EDITORIAL: Diretor: Rinaldo dos Santos. Coordenação de Pesquisas Editoriais: Denise A. Ribeiro. Redação: Frederico Alisson Peres. Revisor para Zootecnia: Paulo Roberto M. Leite. Tradução: José Antonio. Fotografias: Daniel Bezerra, Pedro Lima, Rinaldo dos Santos. Tráfego: Rosa Maria de Souza Azevedo. Atendimento: Lenemaris da Silva. Serviços Gerais: Jadir Aparecido Bisson.

COLABORADORES: Sival Palmeira, Eurípedes Oliveira, Jorge Coelho, Huascar Terra do Valle, Santo Lunardelli, Manoel Dantas Violar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto M. Leite, Lúcio Andrade, Gugé Ferraz.

PRODUÇÃO GRÁFICA: composição, fotolitos e impressão S & S Lançamentos Gráficos.
 PRODUÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL: I C E Propaganda

COORDENAÇÃO GERAL: Publmarket Editora Ltda

VENDAS E REPRESENTAÇÕES - FAZENDEIROS

UBERABA, MG - Edit. Agropecuária Tropical Ltda - R. São Benedito, 28, CEP: 38020, Cx. Postal: 666 - Fone: (034) 333-9788. - Contatos: Rinaldo dos Santos, Eurípedes Araújo.

RECIFE, PE - Av. Caxangá, 2200, anexo S.N.C., Cx. Postal: 75, Fone: (081) 227-3793. - Contatos: Tairone Andrade, José Maria da Silva, Daniel Bezerra.

SÃO PAULO, SP - Publmarket Editora Ltda - R. 24 de Maio, 35 - 8º Andar - Cx. 806 - Fones: 223-0909 e 223-3499 - Contatos: Luiz Alberto Brito Mendes e José Barbosa Filho.

RIO DE JANEIRO, RJ - Henrique Vasconcelos - Fone: (021) 332-6133.

PARANÁ, PR - Lauro Duboi Goursand Marun - R. da Bandeira, 131, Curitiba - Fone: (041) 252-0688.

CEARÁ, CE - José Maria da Silva - R. São Paulo, 459 - ap. 102, Fortaleza, CE.

VENDAS E REPRESENTAÇÕES - AGÊNCIAS E FORNECEDORES.

DIREÇÃO NACIONAL - Marco Antonio Pinsetta
 São Paulo, SP - Publmarket Editora Ltda. - R. 24 de Maio, 35 - 8º andar - c. 806 - C.E.P. 01041 - Fone (011) 223-0909 - 223-3499

RECIFE, PE - Pereira de Souza Ltda - R. Bulhões Marques, 15, c. 411 - Fone: (081) 222-2327/222-5918

SALVADOR, BA - Pereira de Souza Ltda - Pça. 15 Mistérios, 41 - Fone: (071) 242-3486/242-0701.

PORTO ALEGRE, RS - Pereira de Souza, R. Santo Antônio, 333 - Fone: (051) 221-6550/224-8939.

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR

MÉXICO - Elias Bremauntz A. - Av. Revolución, 1909, 5º piso. México 20 - Fone: 550.1212.

PERU - Reinaldo Trinidad Ardilles - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650.

COSTA RICA - Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, apdo. 100, Curridabat, San José, Costa Rica.

Convênio editorial: El Cebú, Brahman Journal, Brahman News, Holstein Friesian Journal, Desarrollo Agropecuario, Ganagringo, Cebú, Criador.

AGROPECUÁRIA TROPICAL - título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só autorizamos, como também sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte.

ASSINATURA: 1 ano: C\$ 12,00 - Exterior: US\$ 60,00 ou 100,00 (air mail). Published the first of Jan/Mar/May/Set/Nov - Sede: UBERABA, MG - Rua São Benedito, 28, Cx. Postal: 666, CEP: 38020 - Fone: (034) 333-9788.

PATROCINADORES

BAHIA

João Batista de Andrade, Nelore	1
Bellini Bitencourt, Indubrasil	8
Pedro Ferraz, Indubrasil	8
João Roberto Garcez, Nelore	37
Antonio Florisvaldo Tarzan C. Lima, Nelore	2
Camillo Collier Filho	9

CEARÁ

Gerardo Magela, Indubrasil	34
----------------------------------	----

SERGIPE

Eugênio Calumbi Barreto, Indubrasil	22
Oviedo Teixeira, Indubrasil	22
José Mariano de Souza, Indubrasil	31

SÃO PAULO

Cinco Comercial de Veículos Ltda	38
Associação Brasileira dos Criadores de Chianina	16

MINAS GERAIS

Maria Sylvia Suleiman, Nelore Mocho	7, 40
Florentino Soares Fonseca, Indubrasil	34
Antonio Porto Neiva, Indubrasil	10
Aureliano Souza Alves, Indubrasil	10
José Humberto Rodrigues da Cunha, Nelore	19
Tobias Kant Rothier	11
Silvio Lucio Araujo	20, 21

ESPÍRITO SANTO

Agropecuária Itapemirim, Pardo Suíça	5
--	---

RIO DE JANEIRO

4 Meninas Agropecuária Ltda	39
-----------------------------------	----

ALAGOAS

Emilio Eliseu Maya de Omena	32, 33
-----------------------------------	--------

EM SE PLANTANDO TUDO DÁ.

Desde Caminha, na caravela do descobrimento do Brasil até os dias de hoje, regado com uma pomposa e custosa constituinte, o velho refrão nacionalista continuou imperando: "em se plantando tudo dá." Estava certo o Caminha, talvez certo até demais no conhecimento de seus concidadãos, muito mais do que no conhecimento da Botânica, pois hoje já se sabe que muita coisa, mesmo bem plantada, não dá! Já no lado humano, em se plantando, tudo dá e, principalmente, ervas daninhas...

O período histórico deixa claro que sempre houve ervas daninhas no pomar ou na horta brasileira. Era o colonialismo produzindo para entregar ao estrangeiro, ora inglês, ora espanhol, ora lusitano e, finalmente, norte-americano. O Brasil sempre deu, nunca conseguiu reter, nem colocar na mesa própria! Muita gente lucrou no passado, como autênticos vendilhões do Templo, menosprezando a sorte do homem comum brasileiro. Não mudou muito, apenas que hoje as vendas são em escala muito maior. Todos conseguem lucrar, de alguma maneira, menos o produtor rural. Esse não leva a melhor, em momento algum, principalmente desde que o Brasil virou República e, agora, até Nova República. Para o produtor rural, porém, não existe "nova", nem "velha", talvez a Televisão até seja mais importante que o regime político, pois ele a tem em casa e o seu pai não a tinha. Já de política, seu pai sofreu, bem como o atual proprietário da terra.

Assim, em se plantando tudo dá, principalmente coisa ruim. Entra governo, sai governo, a mentiraria é a mesma desde Rui Barbosa, ora prometendo super safras, ora prometendo obras faustosas com o dinheiro público, ora construindo petroquímicas, ou até centrais nucleares, enquanto a população cata lixo no monturo dos mais ricos! Em vésperas de eleições, como agora, as mentiras sobem ao palanque, com descaramento tradicional que vem desde a proclamação da República.



Por outro lado, afóra dessa encenação que muito pouco tem de consciência cívica, encontra-se o homem do campo, lutando de sol a sol, com sua pecuária, por gerações seguidas. Alguns conseguem uma certa tranquilidade, a grande maioria consegue sobreviver e uma minoria sucumbe. Ao menos, todos fazem aquilo que gostam. E praticando, nessa dureza, plasmaram talvez a maior riqueza que uma nação pode ter: um patrimônio genético para a eternidade. O Brasil é, hoje, detentor do maior e mais valioso patrimônio genético bovino do mundo ocidental... pelas mãos do homem do campo. Nenhuma homenagem foi feita a ele. Talvez até porque a atividade pecuária não fosse o forte de Caminha, uma vez que "em se criando tudo dá" é imperfeito até a medula. A pecuária auropéica dificulta a renda da fazenda e não dá certo. O certo é a pecuária tropical, bem brasileira! Nem tudo está perdido, porém. Há até quem aponte a pecuária tropical como o mais autêntico símbolo de um modelo de desenvolvimento

a ser implantado no país, pois é estruturado sobre a terra, depois sobre o vegetal adequado e, finalmente, sobre o homem no próprio meio ambiente. Esse seria o modelo ideal que, paradoxalmente, o Brasil optou por atropelar nas últimas décadas. Em se plantando uma pecuária tropical, com certeza ela dá. Mas interessaria ao político brasileiro promover algum bem-estar social? A grande massa está consciente de que não, pois ao político interessa o bem-estar de sua clientela eleitoreira. A consciência cívica não é o forte do político brasileiro mas é, inconscientemente, do homem rural. É chegada a hora de perguntar: "quem pratica política com mais intensidade, o homem do campo — assumindo a própria terra e de lá tirando riqueza para o país, ou o político tribuno que promete, promete... e nunca cumpre?"

A pecuária tropical, já provou, ela dá frutos de verdade, ela é um patrimônio valioso. Cabe o governo abrir os olhos e não continuar queimando a galinha dos ovos de ouro.



C. THALES HARRY TE

Camilo Cola investe no Gado Pardo Suíço acreditando no futuro da raça no Brasil. Continuando com a alta importação do gado PARDO SUÍÇO.



C. EUNICE THALES PO/469 kg.
C. ESCÓCIA THALES PO/8 kg.
C. ERINÉIA THALES PO 295 kg.

A Agropecuária Itapemirim S/A, iniciou a atividade pecuária em 1980. Foram gastos três anos na elaboração do projeto técnico-econômico e, nesse período, o gado PARDO SUÍÇO se evidenciava como a melhor opção pelos seus dados de desempenho funcional.

Os primeiros animais foram escolhidos dentro dos melhores plantéis do país. Assim, em abril de 1983 os currais e estábulos da Fazenda Pindobas I estavam povoados com animais de boa procedência, surgindo o prefixo "COMENDADOR", hoje conceituado prefixo de gado de elite na raça PARDO SUÍÇO.

E hoje, o criador CAMILO COLA orgulhoso, diz: "a minha criação de gado PARDO SUÍÇO tem sido um sucesso!!

Do rebanho inicial destacam-se os seguintes animais:

do prefixo Corona - C. Bambina Twin com 21,7 lts/dia; C. Daysee Modern Stretch com 19,3 lts/dia e o touro C. Thales Harry TE, que atualmente encontra-se na SEMBRA, em Barretos SP, para coleta

de sêmen.

do prefixo São Carlos - J. C. Iris Stretch, 20,1 lts/dia; S.C. Jardineira Performer, 19,6 lts/dia; S.C. Jatibaia Stretch, 20,6 lts/dia; S.C. Juça Performer com 20,3 lts/dia.

do prefixo Bom Café e Bela Vista - B.C. Diplomacia Sugar Boy II, com mais de 10 excelentes crias, duas vezes campeã na categoria em concursos leiteiros, com média acima de 38 kg. B.V. Cris Hill J. Jones, média de produção, após a 2.ª cria de 21,3 lts/dia.

Vencida a primeira etapa e já familiarizados com a raça, a Agropecuária Itapemirim S/A elaborou criterioso projeto para expansão do rebanho de matrizes e reprodutores da raça PARDO SUÍÇO e importou dos melhores criatórios da América do Norte cerca de 100 fêmeas e quatro reprodutores PO. Nesse rebanho destacaram-se as fêmeas Krusses Jubilant Gerry e K.S. Viola Tintan Gerry, ambas POI. A primeira é filha de vaca com médias diárias de 26 lts/dia, foi duas vezes All-América, nas exposições nacio-

nais de Wisconsin USA) e a segunda foi considerada como a de melhor úbere.

Ainda dos animais importados destaca-se o reprodutor Top Acres Titan Emerson, hoje com 30 meses e pesando 980 kg, campeão de todas as exposições da qual participou. Sua filiação destaca-se pelo desenvolvimento e controle ponderal com um ganho diário de 1.100 gramas.

A Itapemirim possui um programa de transferência de embriões, aumentando a disponibilidade e novilhas e machinhos de elite para venda, bem como reprodutores e matrizes de pedigrees dos melhores criatórios americanos.

A Fazenda Pindobas-I fica às margens da Rodovia ES 162, no km 08, que se inicia na cidade de Venda Nova do Imigrante (ES). Marque sua visita com Dr. Luciano pelo telefone (027) 546-1110 ou com Dr. Ivan (027) 546-1240 ou 546-1287 (à noite).

SEDE: Av. Pedro Cola, s/n - Amarelo - CEP 29.300 - Cach. de Itapemirim
Esp. Santo - Tel.: 522-1944 - Telex (021) 3124 - Cx. Postal 240
FILIAIS: Fazenda Água Preta, s/n - Água Preta - Presidente Kennedy - ES.
CEP 29350 e Rodovia Pedro Cola km 08, s/n - Venda Nova
Conceição do Castelo - ES. - CEP 29.370 - Tel.: 546-1110

20 PERGUNTAS À ABCZ E SUAS RESPOSTAS

Questões de ordem sanitária, das pressões mundiais sobre a carne brasileira, das precipitações e omissões, do atual estágio do Zebu Brasileiro, da atuação de Uberaba como símbolo de Zebu, da política das diversas raças zebuínas, da Exposição Nacional... e muito mais buscando o máximo de transparência classista. Foram formuladas pela revista Agropecuária Tropical e respondidas pelo presidente da ABCZ, Dr. João Gilberto Rodrigues da Cunha.

A) DA QUESTÃO SANITÁRIA

1 — Há citações de que a "peste bovina" não teria vindo da Índia, em 1920, mas sim da Europa. O gado teria se contagiado durante a parada do navio em um local infestado. Por que a ABCZ, ou o governo brasileiro, nunca pesquisaram esse fato?

JG — Eu não vi muito objetivo em discutir um assunto de peste bovina em 1920. Desconheço como respondê-lo e também não vejo grande interesse para o momento atual. Se você acha que tem alguma coisa de interesse específico dentro deste assunto, sugiro contactar o dr. Uriel, que já está mais ou menos nesta idade e pode ser que tenha alguma informação.

2 — A aftosa vem sendo mantida apenas servir aos lobbies mundiais da carne? Por que o problema ganha destaque quando o país tem carne estocada pronta para exportação? Por que o governo não lança um ataque frontal contra o mal? Por que não existe punição contra as vacinas que não funcionam? A aftosa seria uma algema para impedir que o Brasil penetrasse, incisivamente, no mercado de carne?

JG — Não acho que a aftosa seja mantida só para servir a lobbies mundiais da carne. Eu acho que ela é usada como desculpa. Primeiro, a situação atual do Brasil, grande exportação, 500 mil t/ano. Isso incomoda a um mercado que é comprimido. Segundo, problemas de produção interna. A Europa este ano está muito estocada, porque suprimindo a política de subsídios, uma boa parte de vacas, da linhagem leiteira inclusive, foi abatida e está com 600 mil t estocadas. Evidente que aumento interno obriga a restrições externas. Restrições externas têm que obedecer a algum motivo. Está aí o assunto aftosa. Agora, eu não acredito que seja só esse problema. Atrás disso há também um interesse específico em combater a invasão brasileira em outros países, além da CEE. O Brasil está entrando no Irã pela primeira vez com 30 mil t este ano e conquistando mercados que até eram tradicionalmente compradores de material europeu. É claro que está aí a outra prevenção extra-européia da questão. Você adianta aí por que o Governo não lança um ataque frontal. O

Governo não lança ataque contra nada. O Governo, do estilo que estamos tendo atualmente, só pensa na sua própria sobrevivência. O Governo só pensa na eleição seguinte e como agora nós estamos no chamado exercício pleno da democracia, todo ano tem eleição; então todo ano o Governo está ocupado com a sua sobrevivência fisiológica no poder. Não dá tempo para atender, evidentemente, programas sérios, como seria o da aftosa, que num país realmente organizado já estaria muito mais adiantado do que já está hoje. Nós estamos tentando, e você é testemunha, a ABCZ quer um empenho por um período de dez a doze anos caminhando para a erradicação. E você é testemunha também das dificuldades que nós estamos enfrentando, porque o Governo só lembra do assunto quando surge um escândalo como esse da proibição atual da CEE de se importar carne brasileira. A gente chega a torcer que aconteçam coisas ruins para que o Governo se decida a fazer alguma coisa boa. Vamos ver se a gente aprende um dia com a lição, um país que está muito desorganizado em que nos cabe, naturalmente, um trabalho de pressão para que as coisas funcionem de forma mais séria. Existe punição contra as vacinas que não funcionam. A primeira punição é a seguinte: são excluídas do mercado. Eu sei de um laboratório que perdeu este ano 60% das vacinas testadas. A gente critica muito, mas quem faz o controle de vacinas — Centro Pan-Americano de Aftosa e a Defesa Animal — são muito cuidadosos.

Indiscutivelmente, as vacinas de que o Brasil dispõe hoje contra aftosa são muito melhores do que o passado e a prova disso é que em 1974 nós tivemos 11 mil surtos de aftosa e o ano passado fechamos com 208. Eu acho que a aftosa tem decrescido muito em termos de importância de rebanho. Todos os companheiros fazendeiros que são cuidadosos não têm mais aftosa em seu rebanho, acabou o boi de frieira, acabou o medo, o perigo e o risco da aftosa. A aftosa é realmente uma dificuldade para a gente penetrar. Nós não temos facilidade; não pela sanidade animal, mas pela política econômica. É claro que se a gente afastar a desculpa, eles perdem o argumento. Está aí a necessidade de nós cuidarmos da aftosa a nível externo, sem descuidar nunca de cuidar a nível interno, porque o prejuí-



zo da aftosa também no mercado interno, sobretudo em bezerros, é bastante grande.

3 — Diversos cientistas já afirmaram que a brucelose poderia ser erradicada com relativa facilidade. O que tem faltado é uma decisão política nessa direção. Por que permanece esse em interesse em conviver em "eterna guerra contra a brucelose?"

JG — Eu acho que doenças em que a vacinação é eficiente podem ser erradicadas com relativa facilidade. Decisão política realmente falta não e só em relação à brucelose. Falta decisão política em relação à sanidade animal e esse é um ponto de honra que temos de enfrentar dentro da pecuária, combatendo em duas frentes: uma que é junto à Defesa Animal do Ministério da Agricultura, que é especial para cuidar de dificultar trânsito de gado, saúde animal, atestados, visitas, exposições, uma série de circunstâncias, mas nunca tem uma programação sólida, decidida, definitiva de erradicação dessas doenças, e de combate mais fácil. A outra frente que nós temos que lutar são nossos próprios companheiros. É muito fácil a gente criticar o governo, mas se a gente começa olhar o companheiro que joga vacina fora, o companheiro que não cuida de profilaxia, de doenças infecciosas, o companheiro que não cuida nem da cerca de sua fazenda, como é que você vai esperar resolver um problema dessa magnitude se você não consegue convencer os próprios fazendeiros da sua importância, dos benefícios daí decorrentes. A rigor, esse é tra-

A NOVA GERAÇÃO PROVA A FORÇA DO NELORE MOCHO DA SÃO LUIZ DEPOIS DE 4 GERAÇÕES

3 GERAÇÕES DA SL E 1.^a E 4.^a DA TUTUCA
TUTUCA SULEIMAN



FAZENDA SÃO LUIZ DOS COQUEIROS
Jaborandi (Barretos) SP - Cx. Postal 212 Fone: (034) 333-9904, Uberaba, MG
(011) 852-2886, São Paulo, SP

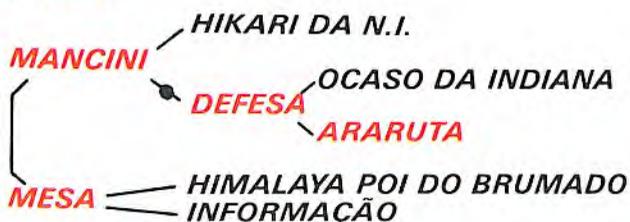
DUAS GRANDES CAMPEÃS



FOTOS: PEDRO LIMA

PEÇA DA SÃO LUIZ
HD-2101

TEOLOGIA DA TUTUCA
3847



- Crioulo da São Luiz
- Inseminação Artificial





FAZENDA LAGOA DE DENTRO

JANAÚBA - Minas Gerais
Rua Francisco Sá, 69 - Fone: (038) 821-1581

AURELIANO SOUZA ALVES

*EXPORTAMOS RAÇA
&
COMPETÊNCIA ZOOTÉCNICA*



*EXPORT FOR
TAYLANDIA
BY
AGROEXPORT*

ESTE TOURO MARCA UM NOVO TEMPO NA PECUÁRIA TAILANDESA!!

FAZENDA LAGOA PRETA

ANTONIO PORTO NEIVA

PARACATU - Minas Gerais - Caixa Postal: 47 - Fone: (061) 671-2230



*ONANDA - Notável reprodutora com
excelente caracterização racial*

*Estes Animais irão Formar
o Gado Indubrasil de Elite
na
Tailândia*

*Lote de INDUBRASIL - exportado para
Tailândia pela Fazenda Lagoa Preta*



FAZENDA DA BARRA - HARAS T.K.R. TOBIAS KANT ROTHIER

BR. 116 - RIO/BAHIA - KM. 809 - ALÉM PARAÍBA, MG
Seleção de GUZERÁ LEITEIRO - QUARTO DE MILHA - CAMPOLINA



JOGADOR - 8331 - Peso: 900 kg
(Duque e Pavev Celavati)



MACUCO - Reserva da Fazenda



DISCOTECA



HISTÓRICA

“Este plantel teve início com os reprodutores JUÁ e JOGADOR, adquiridos na Expo. Nacional de Gado Guzerá, no Rio de Janeiro, em 1973.

Escolhido pelo Dr. HILTON TELES DE MENEZES, responsável pelo Registro Genealógico da raça bovina de origem indiana, atuando desde 1946 como Juiz de Exposições Regionais, Estaduais e Nacionais, responsável pelo Escritório Técnico da ABCZ no Rio de Janeiro, aposentado do Ministério da Agricultura, Veterinário - a quem muito devemos e agradecemos.

Como chegar a Fazenda da Barra - Br-116 km 809

- RIO
- TERESÓPOLIS
- ALÉM PARAÍBA
- FAZENDA
- LEOPOLDINA

- JUÍZ DE FORA
- BICAS
- FAZENDA
- ALÉM PARAÍBA

- RIO
- PETRÓPOLIS
- AREAL
- ANTA
- SAPUCAIA
- ALÉM PARAÍBA
- FAZENDA

- CAMPOS
- SÃO FIDÉLIS
- PÁDUA
- PIRAPETINGA
- ESTRELA DALVA
- VOLTA GRANDE
- TREVO DA BR-116
- FAZENDA
- LEOPOLDINA

- BELO HORIZONTE
- BARBACENA
- RIO POMBA
- CATAGUASES
- LEOPOLDINA
- FAZENDA
- ALÉM PARAÍBA

- SALVADOR
- GOVERNADOR VALADARES
- MURIAÉ
- LEOPOLDINA
- FAZENDA
- ALÉM PARAÍBA

VENDA PERMANENTE

Correspondência: Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1.052, sala 301, Copacabana
RIO DE JANEIRO, RJ - CEP: 22060 - Fone: (021) 521-1695

balho quase que de educação sanitária, que tanto o Governo, quanto os fazendeiros terão que ser trabalhados por nós muitos anos ainda. Mas vale a pena continuar insistindo

B) DA PRESSÃO MUNDIAL PARA FAZER "BOI DE CORTE" NO TERCEIRO MUNDO E DA OMISSÃO DA ABCZ.

4 — Forças internacionais consideram todas as raças zebuínas (do Brasil!) como "uma massa amorfa para fazer boi de corte, sendo que o taurino seria o fermento e a forma". Por isso preconizam que a produtividade máxima somente pode ser obtida com o taurino (deles!). Esse "colonialismo" na pecuária já não poderia ter terminado ou freado pela ABCZ?

JG — Essa história de cruzamentos, em que se fala que o taurino seria fermento e forma, isso tudo é uma espécie de cortina de fumaça a ser esclarecida nos próximos anos pela pecuária zebuína. O que está evidente é que os cruzamentos industriais, realmente, se beneficiam do sangue zebuino. Nós sabemos que o taurino tem uma exploração no sentido de eficiência muito mais antiga do que o zebuino: sua parte econômica, seu desfrute, a sua idade de abate, são coisas que já estão em níveis superiores aos zebuínos. Entretanto, a rusticidade, a prolificidade e a resistência histórica do zebu devem se impor nas regiões novas, como são as regiões de pecuária tropical. Não é uma espécie de colonialismo que deva ser combatido diretamente pela ABCZ. Isso a rigor é um trabalho que os anos se encarregarão de esclarecer. Vão sobreviver certamente os fazendeiros que neste final de século adotarem rumos de eficiência reprodutiva, de eficiência de animais para o seu criatório. E acho que cabe um papel todo especial aos cruzamentos entre taurinos e zebuínos. O resto é conserva de mídia, que o tempo vai colocar no devido lugar.

5 — A produção de carne utiliza pouca mão de obra e a produção de leite é o inverso. Assim, os países desenvolvidos querem ficar com a produção do leite e liquidar com a pecuária leiteira do Terceira Mundo. A ABCZ somente agora está se preocupando, aparentemente, com a questão do leite de Zebu. Será apenas aparência, uma vez que o Controle ainda não está funcionando a contento? A ABCZ compactua com a pressão mundial e seus títeres a nível de governo brasileiro?

JG — Eu tenho a impressão que não é uma colocação muito correta na forma em que ela foi apresentada. Os países desenvolvidos não querem não ficar com a produção de leite e liquidar com a pecuária leiteira nossa. O problema deles é que já estão com superdivisão de propriedade e os minifúndios e as micro-propriedades deles obrigatoriamente caminham, como já vão caminhando as do Brasil, para uma produção de leite, onde eles ficam evidentemente mais fortes do que nós. Nós nos preocupamos com o leite tropical. Po-

demos dizer que o nosso controle leiteiro não está tão adequado; que as nossas raças leiteiras, ou de aptidão leiteira, ou os cruzamentos com a finalidade de leite, não chegaram ainda a um ponto de grande desenvolvimento. Entretanto, isso já está caminhando. Não é só o controle; a vocação de um grupo de fazendeiros que vê na opção leiteira solução até para as raças zebuínas que tem essa aptidão, como é o caso do Gir, como é o caso do Guzerá. Nós não compactuamos com nada de pressão mundial a nível de governo brasileiro, nesse aspecto. Eu acho que o Brasil tem um caminho e um rumo próprio. Produzir leite no Brasil-Central será sempre uma questão ou de bom senso que utilize cruzamentos leiteiros zebuínos com eficiência ou de angústia e sofrimento para aqueles que pretendem ainda desenvolver o Holstein holandês, o suíço, e outras raças leiteiras européias, que continuarão nos arquivos dos médicos, dos advogados, que têm granjas de fim de semana e que perdem dinheiro nesse tipo de mercado. Nós temos que partir para a eficiência em leite, como já partimos para a eficiência em carne.

6 — Sabe-se que um retorno financeiro imediato, no Zebu, no atual modelo político, somente é possível com animais de corte. Daí a extrema valorização do Nelore, uma raça "abençoada por Deus para esse fim". O futuro, porém, da civilização ou do mundo civilizado dos trópicos indica uma pecuária de duplo propósito e, mais a rigor, de vários propósitos. Não caberia à ABCZ plantar as sementes do futuro, já? Ou seja, não deveria batalhar, decididamente, pela prolificidade e pela questão leiteira, dentro de um enfoque tropicalista?

JG — Já está parcialmente respondida na pergunta nº 5. Sem fazer referência a qualquer raça, de uma certa maneira esse país imenso, continente, tem regiões, tem climas, tem formas de exploração agropecuária extremamente diferentes, inclusive com explorações de pecuária que vão mudando. Já houve um tempo em que o Triângulo Mineiro era produtor exclusivamente de boi pé duro de corte. Depois nós passamos a criar exclusivamente animais de seleção zebuína. Atualmente, nós estamos criando e formando raças cruzadas de aptidão leiteira como o Girolando e estamos caminhando também para a exploração de solo no sentido da agricultura. Essa é uma marcha histórica. A gente começa conquistando terrenos no casco de boi e à medida que o tempo passa o rendimento por hectare de terra tem que aumentar e vai caminhando por todos os outros estágios. Acho que a questão leiteira decorre um pouco de tudo isso que está aí e decididamente nós vamos cada vez mais dar atenção ao assunto leite na pecuária tropical. Você é testemunha disso através de nossa participação, inclusive, da Assogir, mostrando que essa preocupação vai ser compartilhada pelo comportamento da ABCZ.

7 — O Simbrasil é a cruz de qualquer zebu com Simental. Um absurdo! O Zebu é a cruz de qualquer zebu com Schwyz. Outro absurdo! O que justifica o silêncio da ABCZ diante desses sacrilégios contra o Zebu? Seria essa uma tarefa de cada entidade de classe?

JG — Não tem absurdo e nem sacrilégio em nada, não! Se o cara quiser cruzar urubu com gavião e dar nome aquilo é problema dele. A mesma coisa com cruzamento de zebuínos com qualquer raça européia. A ABCZ não interfere se



o sujeito quer chamar aquilo ali de Xuxa Meneghel. A ABCZ tem é que fazer com que o estudo desse cruzamentos seja sério do ponto de vista de seus resultados. Isto nos preocupou tanto que vamos fazer em julho, pela primeira vez, uma Exposição Nacional de Cruzamentos Zebuínos, tanto os de aptidão carne quanto os de aptidão leite. E o nome que é dado a esses cruzamentos, possivelmente, vai caminhar para esclarecimentos, em que associações e grupos de fazendeiros dedicados a esses cruzamentos vão cuidar do batismo. A ABCZ vai cuidar, sobretudo, que isso seja feito com lógica, com resultados eficientes e, até quem sabe com um certo patrocínio nosso na ajuda, na comparação, no julgamento de resultados, de tal maneira que deixem de ser um modismo passageiro para ser um resultado importante na pecuária nacional.

DA UTILIZAÇÃO DA ESCURIDÃO PARA VENDER MAIS E MAIS...

8 — Cerca de 70%, ou mais, das pesquisas e literatura sobre Zebu são realizadas no Exterior (!). No entanto, a geração de material didático sobre a ocupação racional do mundo dos trópicos deveria ser naturalmente realizada no Brasil. Por que a ABCZ não mantém um serviço ativo nesse sentido?

JG — Não acho que 70% da literatura sobre zebu seja feita no exterior. Os grandes trabalhos sérios sobre zebu são ainda trabalhos nacionais. Você pega aí o dr. Alberto Santiago, Barrilson Vilares, Uriel Allovim, uma geração enorme de cientistas e escritores sobre zebu e muita coisa publicada aqui por essa Casa,

você vai verificar que o Brasil tem dado uma colaboração muito grande ao estudo do zebu. O dr. Uriel, inclusive, está fazendo estudos de anatomia, que são verdadeiramente reacionários em termos de comparação com a pecuária taurina e têm sido publicados no nosso Informativo e revistas especializadas e muitas vezes até em congresso. Você foi testemunha ano passado do 1º Congresso Internacional sobre Zebu, aonde 90% dos trabalhos foram brasileiros. A ABCZ está mantendo, portanto, um serviço ativo de informação nesse sentido. É propósito nosso, inclusive, fazer uma resenha dessas atividades e publicá-las já partir do ano que vem como uma colaboração brasileira ao estudo de anatomia, de etologia, de fisiologia e de conversão alimentar; resultados de eficiência genética — aquilo que nós já somos pioneiros no mundo — tudo mostrando que o Brasil não está para trás assim, como a sua pergunta faz supor.

9 — Aparentemente, a preocupação da ABCZ, no tocante ao domínio de uma doutrina tropicalista, tem sido quase nula. Diz-se que sua preocupação mais importante é a de "vender" produtos, sendo apelidada de "balcão de negócios". O que se poderia fazer uma modificar essa imagem? Como fazer de seus eventos um "ponto de encontro didático"?

JG — Nós estamos formulando doutrina tropicalista a todo momento. Se você pegar aí as nossas publicações, as nossas informações na imprensa, se você pegar os anais do congresso que fizemos o ano passado, pegar os trabalhos de pesquisa feitos pela ABCZ a nível de suas Provas de Ganho em Peso, os dados de computação com a EMBRAPA na eficiência e na performance de touros, você vai ver que nós não estamos preocupados em vender nada; pelo contrário, nossa preocupação é fazer com que aquilo que se venda tenha boa documentação genética, boa documentação de eficiência. Estamos tentando mudar essa imagem, sim. O fato de fazer dos eventos um ponto de encontro didático, está exatamente dentro disso. Desde que entrei na Casa não houve uma exposição que não tivesse uma reunião didática, uma reunião científica, uma reunião informativa. Todos os anos ela tem acontecido. A desse ano vai cuidar especificamente do assunto palpitante atual, que é aftosa; mas nós vamos ter outros encontros sobre sanidade animal e tudo mais. A ABCZ, não está para trás; a ABCZ está até para frente em relação à sua pergunta. Acrescento a isso a nossa escola de Zootecnia, que com todos os percalços que passou no passado, está se orientando agora para ser uma escola de zebuino-cultura tropical. Dela, eu tenho certeza, que vão sair num futuro próximo as mais importantes colaborações, já que ela vai ter agregado o trabalho da ABCZ na sua computação para publicação de resultados de trabalhos que mostrem eficiência e o nosso comportamento e o progresso na exploração de gado zebu.

10 — O primeiro estágio da pecuária tropical é o de adaptação do indivíduo ao clima. Nesta fase, no Zebu, de 1900 a 1940, muitos autores escreviam e discutiam. As Exposições exerciam um papel didático. Nessa época, também, o papel da ABCZ não era relevante. Por que os escritores aposentaram a pena justamente nessa época? Por que o crescimento da ABCZ teria provocado a castração do pensamento e da reflexão? Seria para privilegiar apenas o balcão?

JG — Eu acho que não caberia responder muito, porque nós não estamos parados; nós estamos escrevendo muito até, mais do que de 1900 a 1940. Nós sempre tivemos na exposição o comportamento de troca de opinião. Antigamente, isso aqui era discussões sobre comportamento de criadores, métodos quase que artesanais de trabalho, de seu material genético, de seu gado e tudo mais. A ABCZ foi criada exatamente para ser o que ela é; ponto de encontro da pecuária nacional. Não acho que os escritores aposentaram a pena. Você pode dizer que houve até uma discreta mudança. Nós estamos deixando aquela idéia de que as discussões eram empíricas, quer dizer, sem aprofundamento científico, e estamos entrando cada vez mais em discussões de cunho científico, de embasamento de estudos, como são essas do teste de performance, do controle ponderal, do controle leiteiro. A prova disso é que a ABCZ, mais do que nunca, está sendo convidada para levar seus resultados ao exterior. Ainda agora há a conferência que o dr. Josahkiam vai fazer em Costa Rica, na EXPICA, que é a Exposição Internacional de Centro-América, a convite inclusive do pessoal que cria Brahman, mostra que a ABCZ tem desenvolvido muito o pensamento, a reflexão e, eu diria, o trabalho do zebu.

11 — O segundo estágio refere-se ao culto do animal produtivo, por si só. Apenas um ou outro autor continuou discutindo sobre Zebu. As teses, inclusive, cheias de erros — principalmente ao condenarem a prática da consanguinidade. Os eventos (Exposições, Cursos, etc) serviam para massificar conceitos que tinham uma intenção oculta: vender mais e mais produtos. O Nellore chegou a proclamar que era "proibido manter o mesmo touro por duas gerações". E, no entanto, sem consanguinidade, não se faz seleção racial! Por que a ABCZ não freou, e não freia, ainda hoje, os pregadores que adulteram os princípios de seleção animal?

JG — A ABCZ não pode obrigar ninguém a seguir uma determinada linha de trabalho de material genético. Ela nunca foi contra e nem foi a favor de métodos. A prova é que um dos indivíduos que mais fez cruzamentos consanguíneos foi Rodolfo Machado Borges, com resultados extraordinários e jogou o seu Gir muitos furos acima do próprio Gir indiano; e a ABCZ nunca falou nada contra ele. Pelo contrário, sempre prestigiou, sempre foi o dono de sele-

ção genética a esse nível. Acho que nós agora estamos inserindo métodos de avaliação de cruzamentos, métodos de avaliação de resultados, métodos de avaliação de performance e de eficiência reprodutiva, que vão apoiar e auxiliar mais os criadores. Nós não podemos obrigar ninguém a seguir esses métodos, mas podemos mostrar os resultados; — e isso já está sendo feito, é o terceiro ano que nós publicamos esses resultados — aquilo que vai bem e aquilo que vai mal. O resto é como tudo no mundo: uma decisão comercial,



uma decisão de mercado, quem acertar vai vender bem, que fracassar vai vender mal, o papel do balcão é único e exclusivamente esse. A ABCZ não patrocina balcão, patrocina desenvolvimento.

12 — O terceiro estágio é o advento da tecnologia avançada, onde o importante passa a ser a "renda por área ocupada" e não mais a renda de um ou outro indivíduo isoladamente. Nesse caso, as Exposições caem para segundo plano, pois beleza não vai à mesa, necessariamente! Nenhum autor tem se apresentado para escrever sobre essa tese. Esse papel não caberia à ABCZ, uma vez que grande parte do mercado ingressa nessa fase? Será por receio de afetar os grupos que mais "vendem" seus produtos, no momento?

JG — Eu acho que é o contrário do que você falou, que beleza não vai à mesa nas exposições. Beleza vai à mesa. As exposições nossas, com efeito, têm se caracterizado cada vez mais pela beleza com que são apresentados os animais concorrentes. Uma beleza que chega, hoje, já a nível de preparo e sofisticação que passa até a ser preocupante. Alguns criadores estão se mostrando tão dedicados a ela que outras características dos animais estão sendo deixadas em plano secundário, como a sua fertilidade, a sua eficiência reprodutiva. Existem animais que a rigor são desde a sua mais jovem idade separados para profissionais de exposição e que ficam até os seus 3, 4 anos de idade, alguns até 5 anos, sem descendência, sem comparecer ao rebanho nacional como reprodutores, porque não podem sacrificar a sua beleza de

exposição. Acho que isso merece algum reparo e, certamente, isso acontecerá num futuro próximo. Esse reparo deve ser feito pela entrada da tecnologia, que não vai nunca substituir a intuição, a dedicação e a capacidade do fazendeiro; mas vai ajudá-lo nesse trabalho de seleção que representa a sua vocação. Quanto a esse negócio de grupo que vende mais o seu produto, tire isso da sua cuca! O negócio nosso não é vender produtos; é fazer bons produtos para que eles se vendam.

13 — A quarta e última fase científica seria a que considera "a renda obtida por hectare na vida útil do indivíduo, somando-se todos seus produtos e derivados". Praticamente nenhum autor esboçou uma discussão sobre essa tese, ainda. Por que a ABCZ não apresenta, de uma vez, os fundamentos de uma pecuária tipicamente tropicalista? O seu papel seria o de promover a expansão do Zebu, por meio de facilitação das vendas, ou também o de promoção dos ensinamentos que permitam maiores lucros aos fazendeiros?

JG — Já está respondida fartamente por aí. Não há necessidade de retomar a mesma linha de raciocínio. A ABCZ não está pensando em lucros para fazendeiros; a ABCZ está pensando, na verdade, é que os fazendeiros tenham bons lucros decorrentes da sua evolução no nível técnico, no nível científico, no nível de eficiência, o resto tudo é disso aí consequência.

14 — Milhões de pessoas passam fome, no Brasil, por falta de mais carne na mesa. E carne de Zebu... que é o único animal em condições de produzir bem no mundo tropical. O desfrute, portanto, baixíssimo, senão vergonhoso, explica-se pelo trabalho dos zebuzeiros: 70% deles estão na primeira fase acima descrita, 28% na segunda fase, os outros 2% na terceira fase. Nenhum estaria, talvez, na quarta fase. Ora, o desfrute, então, seria diretamente proporcional à cultura, ou zebuino-cultura! Não seria papel da ABCZ melhorar o desfrute nacional e reduzir a mortandade popular?

JG — A ABCZ está brigando, e muito, para melhorar o desfrute nacional, para reduzir mortandade, que vocês chamam de popular, que é mortandade de tudo, que começa no campo animal e termina no campo humano. Nós apresentamos ao Ministério da Agricultura, e já está fazendo quase 3 anos, um trabalho para melhorar a eficiência, produtividade do nosso rebanho, com alguns cuidados elementares, simples, que iam desde a introdução de reprodutores melhoradores, que a ABCZ tem maneiras de informar e produzir com a maior facilidade, até a passagem obrigatória pela sanidade animal, pela extinção da aftosa, da brucelose, pelo cuidado das carências, pelo cuidado das avitaminoses, por uma série de circunstâncias que fazem parte da melhoria na produtividade. Nós fizemos ali algumas considerações ex. absolutamente primá-

rias, mas extremamente simples de se compreender. Por exemplo, um rebanho como nosso que tem aí uma natalidade de 50% e uma mortalidade, que em algumas regiões vai a 10% dos bezeros; se corrigir essa natalidade para 65%, que não é difícil, e reduzir essa mortalidade para 5%, que é absolutamente possível, já terá aí um aumento de mais de 20% na oferta de animais à idade adulta. Se nós pegarmos um boi de corte, que na média brasileira hoje pesa pouco mais de 15 arrobas e introduzirmos no criatório reprodutores melhoradores de ganho de peso, esse mesmo produzirá 17,5 a 18 arrobas com aquela mesma idade, o que representa mais ou menos 20% de ganho. Para conseguir 40% de melhoria, são coisas relativamente simples e que uma programação governamental resolveria de forma muito rápida. Até hoje nada tem sido feito nesse sentido e não é pelo trabalho da ABCZ e nem pela sua contínua dedicação a ventilar esses temas junto ao Governo. É sobretudo porque os nossos políticos encontram muito mais interesse e acham muito mais tempo para se dedicarem às campanhas eleitorais anuais, do que à solução definitiva dos nossos problemas de pecuária.

D) DA IMPORTÂNCIA DE SER A "MECA" DO ZEBU, DE FATO.

15 — Diz o Acordo de Roma que cada raça somente poderá ter um único Serviço de Registro Genealógico, por país. Ora, Gir é Gir, Guzerá é Guzerá, Nelore, etc. Por que são forçados a permanecerem sob a tutela da ABCZ? Será para privilegiar grupos que comercializam diversas raças e sempre viveram encastelados em Uberaba? Não seria mais importante que cada raça tivesse seu próprio destino e que a ABCZ congregasse todas elas sob o mesmo teto?

JG — As críticas que fazem referência ao acordo de Roma são absolutamente imprecisas em termos de ABCZ. Nós temos o acordo de Roma, que é bom que se diga, não tem mais um trânsito mundial como ele foi escrito há tantos anos atrás. Isso aí tem seguramente quase 40 anos. O acordo de Roma está sendo substituído em todos os países por mudanças que ele nunca supunha iriam acontecer. Por exemplo, na sua época, não existiam cruzamentos programados, não existiam raças sintéticas, não existia inseminação artificial como é feita, não existia transferência de embrião e uma série de melhoramentos zootécnicos que representaram aquisições extraordinárias para a pecuária. Não existia também a multiplicidade de raças em estudo, algumas delas capazes de caminhar o seu caminho normal por conta própria; outras, pequenas no seu lançamento que necessitariam um apoio grande até chegarem a sua maturidade. Papéis que a ABCZ cumpriu perfeitamente bem. Quando a ABCZ congrega uma raça Nelore com quase 70% do movimento de registro e à ela associa, por exemplo, a raça Síndi, o Cangaian, o próprio Tabapuã e outras raças que têm um

grande trabalho pela frente e não teriam condição para essas raças menores a ABCZ cumpre plenamente o seu papel e ela somente sobrevive se tiver no seu seio as grandes raças capazes de dividir com outras o crescimento da pecuária desse país. Nos não estamos aqui para privilegiar raças e nem gente que vive encastelada em Uberaba. Você agora está morando aqui e vai me dizer quem vive encastelada em Uberaba. Pecuária zebuina não é mais fenômeno uberabense. Até o contrário do que se pensa, em Uberaba existe mui-



to mais gente encastelada em outras atividades do que no zebu. Maior parte, inclusive dos rebanhos de seleção nacional, hoje vive fora de nossa cidade. Uberaba já tem outras atividades completamente diferentes. A grande importância dela está na história do zebu, na sua experiência, na sua abertura para todos aqueles que querem vir aqui compartilhar conosco o nosso conhecimento. Todos que querem aqui vir trocar a sua vivência, a sua experiência e desenvolver um trabalho construtivo pelo zebu e pela pecuária da nossa própria terra; esse é o destino da ABCZ, é o destino de Uberaba. Divida os registros e as raças e você multiplicará os problemas. A Assogir, já teve sede em São Paulo, hoje está em Uberaba. Se ela tiver uma vida independente totalmente da ABCZ, terá seguramente uma existência futura em Goiânia, em outras cidades variando seu sítio e sua posição, de acordo com preferências ou com poderes de momento. Quando na realidade, o desejável é que todas as associações tenham um ponto fixo onde se encontrem todos os seus participantes e todos os seus criadores e esse ponto será, enquanto existir, a nossa ABCZ.

16 — Diz-se que a ABCZ e o Ministério cortaram as cabeças de todas as raças zebuínas e determinaram que tivessem o mesmo corpo de um Nelore, para atender à pressão mundial de evitar a consolidação de um Zebu Leiteiro ou de dupla aptidão. Assim, as raças menores estariam fadadas ao desaparecimento! Como vem acontecendo, uma vez que as raças de maior afetivo têm um poder também superior de promoção. A eficiência, portanto, acaba não

pesando muito no momento de fazer opção. A ABCZ não estaria favorecendo o mascatismo, em alta escala, ao relegar às próprias raças o seu destino, ou seja, sua auto-destruição?

JG — A ABCZ não corta cabeça de raça zebuína nenhuma, nem faz corpo de raça Nelore. Agora que você está chegando aqui, vai verificar que o corpo do zebu é variável e é determinado a nível do conselho técnico, onde participam representantes de todas as raças. E quem diz qual é o corpo e a aptidão da raça Gir é o Conselho Técnico da Raça Gir, como da Guzerá, como do Cangaian, como do Nelore, como do Tabapuã. A ABCZ única e exclusivamente promove esses encontros entre todos os selecionadores. Admira-me, inclusive, dizer que a ABCZ estaria relegando as próprias raças, ao seu destino, ou seja, à sua alta destruição. Não sei o que você pensa: se a ABCZ deve ou não interferir em cada raça. Se ela interferisse poderia ter alguma responsabilidade quanto ao seu êxito ou fracasso, mas ela busca ser apenas normativa. Quem decide o que vai acontecer com o seu futuro é a raça e a associação especializada que a cuida. A ABCZ está aí para ajudar e nunca pra atrapalhar.

17 — É normal que, para escapar ao "rolo compressor" das raças maiores em efetivo, as demais procurem outra área de venda. Assim, o Guzerá e o Gir estão pesquisando "extratos ecológicos" onde realmente apresentem um melhor desempenho, com exclusividade. Supõe-se que, num futuro não longínquo, o Nelore estará longe de Uberaba, tanto quanto o Guzerá e o Gir. Essa dispersão não deveria ser comandada e incentivada pela ABCZ, pois representa um salutar "gesto de assumir o território dos trópicos com competência"? A ABCZ poderia gerenciar a expansão de cada raça, fora de Uberaba, principalmente no tocante à realização de Exposições Nacionais de cada Raça?

JG — É normal que raças determinadas busquem os seus extratos ecológicos. Isso faz parte, inclusive, da sua própria aptidão. Há territórios, tipos de manejo e de exploração agropecuária mais propícios a determinados fazendeiros e a determinados métodos de criação e raças de pecuária bovina. A escolha disso é feita por uma própria seleção natural. A ABCZ se limita a oferecer a esse mercado brasileiro as suas diversas raças zebuínas com suas diversas aptidões, dentro do melhor desempenho, da melhor performance zootécnica. É claro que alguns fazendeiros que escolheram mal a sua opção em relação a regiões em que transitam se deram mal; ao contrário daqueles que sabem escolher o que pretendem. Há regiões que são inóspitas para o Nelore, como outras que não devem agasalhar o Gir, preferentemente. Assim também acontece até com os próprios fazendeiros. Tem o fazendeiro de seleção artesanal genética de aprimoramento, tem o fazendeiro de larga escala, de grandes criatórios: tem o fazendeiro que é inver-

nista, engordador de boi, enfim cada um com sua própria aptidão. A ABCZ tem participado bastante do esclarecimento do público do mercado zebuino dessas aptidões, dessas vocações e, consequentemente, de como difundir racionalmente zebu ao longo do território nacional e até internacional. Quanto às raças e suas exposições especializadas, a ABCZ já teve aqui em Uberaba só nesta gestão, uma exposição nacional de Guzerá, uma Expoinel, e vai ter esse ano uma exposição nacional, primeira aliás, de Tabapuã. A ABCZ prestigia totalmente as exposições das raças a nível nacional e acha que esse é um método muito bom de difundir os resultados dos seus criadores, dos seus selecionadores. Ela está pronta a fazer isso não só em Uberaba, mas até fora daqui, respeitando também a liberdade dos criadores de escolherem onde, como, quando, fazer as exposições da raça a que se dedicam e as suas associações especializadas em comandá-las.

E — DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GADO ZEBU

18 — Todos os criadores visitam Uberaba antes do dia 3, pois todos os leilões importantes acontecem até essa data. Assim, no dia 4, os hotéis estão vazios! A ABCZ não irá modificar o "ponto de encontro" para manter o tradicional brilho da festa? Como fazer festa sem criadores? Esse acúmulo de leilões não caracteriza a ABCZ como "balcão de negócios"?

JG — Esse negócio de leilões importantes acontecem até o dia 3 e o pessoal vem aqui até o dia 3, não é por causa de leilão que o pessoal está vindo dia 3. O pessoal vem a Uberaba mais cedo é porque o que mais interessa ao público criador, que cada vez mais vai chegando a Uberaba, é a entrada, admissão, e o julgamento dos animais. E essa exposição, por tradição, julga os animais antes da inauguração, antes do dia 3, daí a concentração dos criadores em Uberaba nesse período e um certo esvaziamento no final da exposição, que passa a ser festa popular e não festa de pecuária. A ABCZ não tem nada que ver com o balcão de negócios dos leilões nesses primeiros dias que até precedem a exposição. Os leilões acontecem porque o público comprador, os grandes fazendeiros desse país, como eu disse, já estão aqui nesse período pré-inauguração. Se esse público estivesse aqui no final da exposição, eu tenho certeza de que os leilões seriam no final da exposição. Eles não decorrem de uma promoção da ABCZ, decorrem de uma presença de público comprador que é a base e a razão desse balcão de negócios.

19 — A raça Nelore ocupa todos os horários nobres de Leilões, massacrando as raças de menor efetivo. Por que a ABCZ não realiza o julgamento de tais raças após o dia 3 e, então, permite a realização dos respectivos leilões também após essa data? Por que compactua com o Nelore, não permitindo que

as demais raças brilhem ao sol?

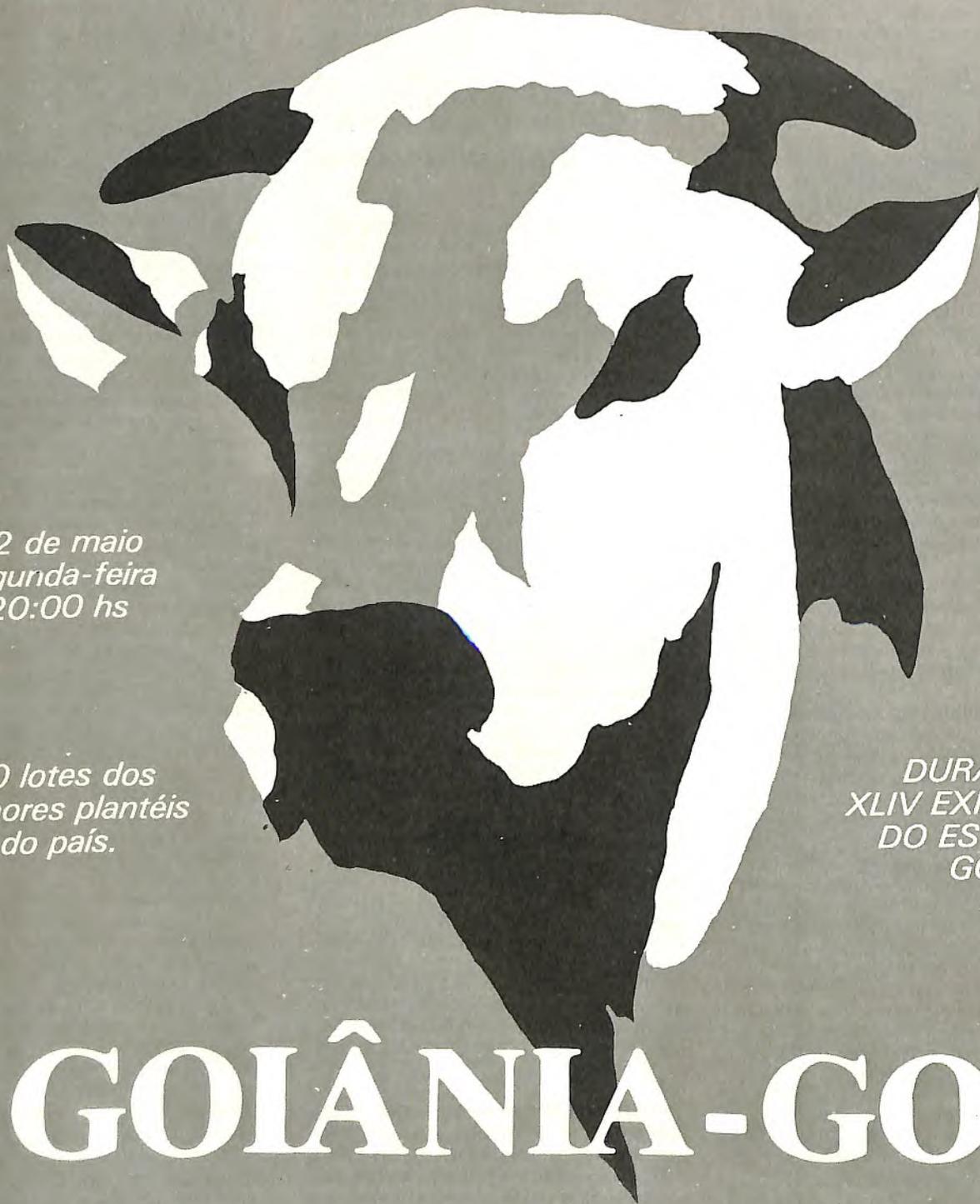
JG — A raça Nelore não ocupa todos os horários nobres e nem nassaca as outras raças. Comercialmente, a raça Nelore tem um número muito maior de leilões e um número muito maior de oportunidades comerciais durante a exposição. A ABCZ não tem a ver com isso. A ABCZ promove os leilões que as raças quiserem realizar, quiserem reservar. Acho uma idéia até pensável a nível futuro de variar, de mudar, as datas de julgamento, dissolvendo um pouco mais a concentração ao longo da exposição para impedir que aconteça o que está acontecendo. Do dia 4, dia 5 em diante, não se encontra mais criadores de zebu na exposição de Uberaba, porque foram terminados todos os leilões, todos os julgamentos, todas as festividades políticas de inauguração, e a festa entra então ao nível da cidade de Uberaba e do seu povo. Como sugestão, é uma coisa a ser apreciada, quer dizer, diluir julgamentos por um espaço maior de tempo e, quem sabe diluindo julgamentos, diluir também presença de compradores, de expositores e de leilões, por um tempo físico maior da exposição. São coisas a considerar nesse futuro próximo.

20 — Seria possível a ABCZ, em respeito às raças diversas, eleger alguns dias específicos da grande festa para uma ou outra raça. Nesses dias, a raça faria julgamentos, seminário, leilões etc?

JG — Acho que é mais como sugestão que, inclusive deverá ser analisada nas reuniões que vão estudar as exposições futuras. Concordo que as raças todas devam ter oportunidades de aparecer aqui dentro e não seria só em julgamento, mas também em seminários, leilões e tudo mais. Mas seria até no sentido

de que seus criadores de selecionadores encontrassem um público mais direcionado para os seus interesses, enquanto na fase atual esse público fica muito tumultuado, porque está tudo concentrado em 3, 4 dias e naturalmente quem é novo em zebu, por exemplo, fica meio perdido nessa que é a maior exposição da pecuária zebuína do país e, que eu tenho certeza, com a sua presença aqui vai ainda ser mais realçada. Estou notando que você está muito preocupado com Uberaba, com a nossa festa e todos aqueles que se preocupam sadiamente com a pecuária zebuína reconhecem ao fim de algum tempo — no seu caso, espero seja pouco — que Uberaba não detém exclusividades, que Uberaba não detém hegemonias, que Uberaba não é dona da verdade, a não ser de uma: terra hospitaleira, amiga, que busca de todos os selecionadores, pesquisadores cultivadores das virtudes com o gado zebuino, colaboração, amizade e em termos da grande comunidade brasileira, resultados para um mundo que a pecuária zebuína espera e depende muito.

GRANDE LEILÃO DA RAÇA CHIANINA



*22 de maio
segunda-feira
20:00 hs*

*40 lotes dos
melhores plantéis
do país.*

*DURANTE A
XLIV EXPO AGROP.
DO ESTADO DE
GOIÁS*

GOIÂNIA-GO

ABCC - Assoc. Brasileira de Criadores de Chianina
Inf. Tel.: (011) 262-6044

“O GADO MENOS PREMIADO DO BRASIL”

Até onde o “menos” pode significar “o mais”? O que é melhor: a lei do homem ou a lei do próprio animal?

Dantas Bião, legendário personagem da pecuária brasileira, cujo espírito empreendedor percorre as veredas nordestinas até hoje, deixou gravadas muitas páginas de lances grandiosos, e de animais de grande porte e peso, considerados quase “milagrosos” para sua época. Era um orgulho contar com algum animal oriundo do plantel de Dantas Bião! Estranhamente, esse histórico selecionador de Nelore, Indubrasil e cruzas de zebu, tem sido pouco anotado nas páginas escritas...

Otávio Ariani Machado, também legendário, talvez o único homem que ameaçou chutar os fundilhos de juizes do Zebu, na Bahia, pois acreditava que eles, os juizes, pretendiam atrasar seu trabalho de seleção do Nelore, Gir e Guzerá. Sem dúvida, grande parte da seleção nacional tem algo a ver com Otávio Machado!

Foi desses plantéis históricos que saíram as sementes para o trabalho de Joãozito Andrade, de Cícero Dantas e Jeremoabo, na Bahia. Joãozito sempre foi um empolgado pela manifestação da pureza racial em seus mínimos detalhes mas... sem forçar a natureza! Por isso, seu gado, até hoje, vive um período no clima propício e outro na caatinga! Assim, as virtudes tornam-se necessárias e afloram com segurança.

Talvez nenhum plantel tenha sido tão testado diante da natureza tropical quanto o de Joãozito Andrade, da Fazenda Trindade. Talvez poucos plantéis possam juntar, de uma só vez, um número tão avultado de matrizes de grande porte!

Para consolidar seus conhecimentos de pureza racial, Joãozito pesquisou antílopes, cabras, ovelhas, cavalos, todos submetidos ao duro clima tórrido, onde — sem dúvida — a pureza constitui, também, uma ferramenta de sobrevivência! Por isso, hoje, quando uma grande quantidade de criadores diz que a prática de consanguinidade é tolice, ele sorri, lembrando-se do grande caminho já percorrido. Em seu afã de pureza, consolidou um núcleo de Kangayan que mantém na fazenda prestando trabalhos dentro da tendência natural do gado. Segundo ele; trata-se de um caso raro de distribuição muscular. Talvez seja o melhor exemplo de rendimento para corte, embora o animal seja pequeno diante do Nelore!

Buscando, na escola da prática, o caminho correto que somasse fatores de sobrevivência (prolificidade, em primeiro lugar!) e grande porte, selecionou três linhagens de Nelore para leite. Che-



Nabissal, neto da Camboatá, muito caracterizado, bem musculado, vivo, comprido...

gou a ordenhar vacas produzindo mais de 11,0kg de leite/dia. A seleção leiteira, porém, iria ser desestimulada após dezenas de anos, devido à peculiar política rural brasileira que tudo faz para que não se produza leite de Zebu! Não tendo apoio da classe, e do mercado seletivo, Joãozito seguiu a trilha do Nelore para corte, esmerando ainda mais a caracterização e o porte.

Hoje, o plantel de Joãozito, depois da introdução de AKAZAMU, de notá-

vel massa muscular, e de PADHU, talvez o mais longelíneo e bem-raçado reprodutor da última importação (a mesma que trouxe Karvadi), atingiu o máximo que podia, no país. Seus animais são graúdos, de excelente caracterização racial, ótima pigmentação, o mais procurado pelos que utilizaram as outras linhagens disponíveis no mercado (Karvadi, Taj, Gonthur, etc.).

Joãozito manteve seu gado longe das pistas, até por não concordar com a



Muita raça, alto pesado, de boa conformação muscular.

maneira de julgamento que vinha ocorrendo em sua região. Comparecia, porém, com o gado às Exposições, sendo — constantemente — o melhor vendedor! Seus animais podiam não ganhar prêmios mas eram os mais procurados, por qualquer preço. Isso lhe demonstrava que o verdadeiro criador sabe o valor do animal, mesmo sem prêmios! Houve épocas em que o fato de ser "o menos premiado" chegava até a



Reprodutor Kangayan de formidável caracterização.



O Kangayan serviu muito como fator de comparação no burilamento de detalhes raciais.

ser virtude! Lentamente, Joãozito foi se tornando uma figura quase lendária, enfiado lá para as bandas da terra de Maria Bonita e de Canudos!

Nos últimos Leilões, seu gado tem sido solicitado com veemência e sempre tem obtido os melhores preços. A fama do gado ultrapassou as fronteiras da Bahia, e depois do Brasil. Os 46 anos de trabalho silencioso, seguindo apenas as leis da natureza, brindaram a Joãozito uma notável vitória. Hoje, ele se gratifica olhando o gado, as cabras, o Kangayan, os equinos, todos esplendidamente bem caracterizados, todos de bom porte. O Nelore, por sua vez, não tem nada a dever: tem porte, tem peso, tem raça, tem progênie à vontade, talvez seja o núcleo de maior número de matrizes com alto peso, em regime

de campo. Seu gado demonstra gerações de trato natural, no campo. Nada de artificialismo! Talvez por isso, Joãozito prefira deixar de lado as premiações que, não raro, destinam-se à superficialidade da seleção.

Hoje, Joãozito dogmatiza: "Muita gente diz que o Nelore é assim, ou assado mas não é nada disso. O Nelore é o que é, tem características sutis que somente podem ser obtidas por consanguinidade e seleção natural. Não é o homem quem faz o animal mas é o homem quem pode burilar o animal para que ele manifeste toda sua potencialidade. Essa é uma obrigação do homem."

Incrivelmente, Joãozito, após 46 anos vem repetindo os mesmos ensinamentos da mais legítima escola indiana, o da não-violência na seleção dos animais. O animal deve expressar as raízes da raça, a pujança da raça, e nunca a ansiedade do proprietário, ou sua

vaidade! A seleção do animal em busca da própria perfeição animal: este é o postulado indiano tão pouco compreendido no Brasil. Somente a consanguinidade, em uso inteligente, pode levar a essa verdade e, com ela, o criador descobre dezenas de características que, antes, estavam camufladas. Descubra assim, o verdadeiro Nelore, destinado a se perpetuar...

Esse gado, o "menos premiado pelos homens", mas o "mais premiado pela raça" seria o melhor ou o pior? Em termos de expressão animal, diante da existência, nenhum teria somado tantas vitórias, como esse "menos premiado".

Nas pistas de julgamento, cujo juiz seja a Zoologia, e a Zootecnia, o Nelore da Trindade está de parabéns!

C5

FAZENDA DO IPÊ

UBERABA - Minas Gerais
Rua São Sebastião, 7 - Fone: (034) 332-1215

JOSÉ
HUMBERTO
RODRIGUES
DA CUNHA



- VITELINHA
 - ANANDHI DO BRUMADO
 - IBIS

ESTES ANIMAIS ESTARÃO PRESENTES NA NOITE DO NELORE NACIONAL 28.ABRIL.89 - 6ª FEIRA - 20:00 HORAS



- IRA DO IPÊ
 - LUDY DE GARÇA
 - EMBOLADA
 - 18 MESES, c/
 - PRENHEZ POSITIVA



NELORE C.5 DE NOTÁVEL EXUBERÂNCIA E FERTILIDADE

NELORE DO PRESENTE PARA ATENDER

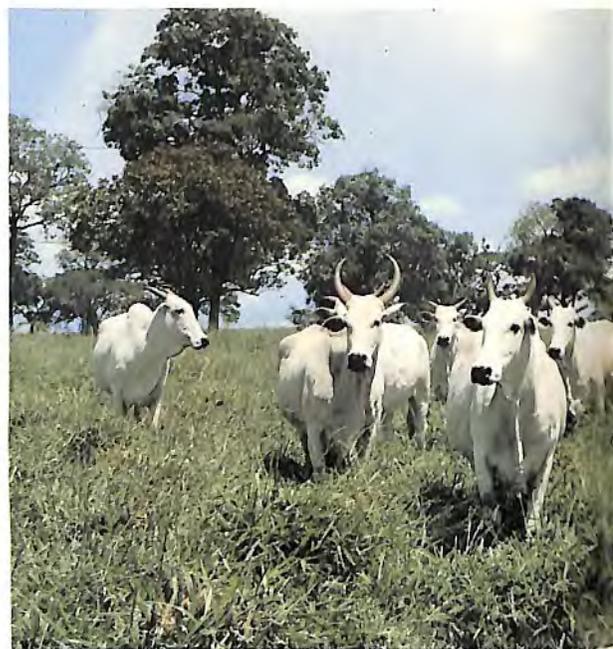


NAREDRA POI (Nagore)



ACCHILLA POI (Chummak)

- *Seleção PO e POI*
- *Grande porte, rusticidade, rigor*
- *Origem das melhores fontes da*
- *Dados técnicos sendo inseridos*



Lote de Matrizes (Chummak)

FAZENDA LA
IGUATAMA, MG - F

SILVIO LÚCIO
Av. Afonso Pena,
Fone: (031) 223-0108

SELEÇÃO:
MANGALARGA MARCHADOR - NELORE

O FUTURO... COM FIRMEZA

*essa seleção racial.
atualidade.
em sistema próprio de computação*



Marajá Taj I - Pakkar - Kalindri)



ÉBORA POI (Chummak)



KANVAGIR POI (Nagore)

FOTOS: EURÍPEDES ARAÚJO

GOA PRETA

: (037) 353-1215

DE ARAÚJO

4040, apto. 601

- BELO HORIZONTE, MG

POI - NELORE PO - GIR PO - GIROLANDA

TRADIÇÃO
55
ANOS DE
INDUBRASIL

FAZENDA SALGADO

Frei Paulo - Sergipe
Av. João Ribeiro, 572 - ARACAJÚ, SE - Fone: (079) 231-0507/224-8028
OVIEDO TEIXEIRA



Este é o padrão de nosso gado:
RAÇA E BELEZA

EXPORT FOR
TAYLANDIA
BY
AGROEXPORT

**"QUEM VENDE GADO NESTE PADRÃO É PORQUE
SABE COMO FAZER OUTROS CAMPEÕES"**

**FAZENDA SALGADO = CELEIRO DA RAÇA
INDUBRASIL, EM SERGIPE/BR**



Filhos e filhas de Grandes Campeões Nacionais.
Vendidos para aprimoramento do rebanho tailandês.

FAZENDA SÃO JOÃO JAPARATUBA - SERGIPE

TRADIÇÃO
17
ANOS

EXPORT FOR
TAYLANDIA
BY
AGROEXPORT



CORAL
Melhorador da raça
INDUBRASIL,
em serviço na Tailândia
Origem - Sergipe/BR

**EUGÊNIO
CALUMBY BARRETO**
Rua Santa Rosa, 41
Aracaju - Sergipe
Fone: (079) 224-8154

O NELORE NO TERCEIRO MUNDO



O Nelore do Terceiro Mundo.

Depois de ter tomado conta do imenso território brasileiro, o Nelore — parte para a ocupação racional das terras de muitos outros países, consagrando seu refrão de “suprema expressão morfológica entre as raças zebuínas para corte”, levando dentro de si não apenas a certeza de um lucro imediato mas, principalmente, um modelo de desenvolvimento pecuário de alto interesse para cada sociedade.

É incontestável o papel de desbravador de novas fronteiras: o Nelore é o mais expressivo “bandeirante” da atualidade. Ele faz, hoje, o que aventurismo dos bandeirantes fizeram no período colonial e o que patriotismo de Rondon praticou no início do século. Ele segue à frente do futuro, puxando — atrás de si — a nova civilização brasileira!

Suas virtudes são notórias 1) é uma raça pura; 2) é tipicamente plasmado para ocupar terras novas, em regime extensivo; 3) é dispensado de maiores

cuidados; 4) é de alta fertilidade.

O sucesso de Nelore é tamanho que o humor popular o definiu como o mais legítimo produto da Zootecnia da Pregaça, da seguinte maneira “o gado não dá trabalho, vive solto no pasto; as crias vão nascendo e crescendo sem o vaqueiro nem saber; come o que existe, respira o sol, vai a pé até o frigorífico e sua alma vem trazer o cheque para o dono!” Por conta dessa segurança em termos de investimento econômico, os empresários urbanos optaram, maciçamente, pelo Nelore! Quem lucrou foi o Brasil que viu a imensa onda de gado branco ocupar espaços nunca antes imaginados!

Se não houvesse o Nelore, o país não estaria mergulhado em tantas discussões interessantes como a destravada agora pelos pretensos ecologistas nacionais e internacionais, reportando-se à ocupação da Amazônia. O Brasil conta com dois terços de seu território ainda por explorar dentro dos preceitos

econômicos e essa imensa potencialidade está reservada para o Nelore que desempenhará um grande papel nas próximas décadas. Se os políticos e ecologistas não conseguiram um modelo de ocupação das terras e do próprio futuro do país, o Nelore o conseguirá, substituindo regiões inexploradas ou sub-exploradas em francos celeiros de proteínas nobre que tanta falta vem fazendo nas mesas dos brasileiros e do Terceiro Mundo.

O problema mundial é a fome, o Nelore é uma solução! Ele permite a urbanização maciça que se praticou nas últimas décadas e que tantos transtornos tem provocado. Ele permite a ocupação racional, substituindo áreas florestadas naturalmente por nova florestação racional cujo beneficiário saliente seria o homem que passaria a receber toneladas e toneladas de proteínas de onde nada recebia. Ele permite, então uma nova distribuição da massa popular, grangeando mais felicidade social.

Ao mesmo tempo que os pretensos ecologistas discutem e condenam a acupação da Amazônia, deixam de alertar a opinião pública para as 400.000 crianças que morrem por subnutrição no Brasil e, principalmente, no Nordeste. Deixam de exibir dados alarmantes, como se não soubessem que 85% da população brasileira sofre de carência alimentar! Apenas um único Ministro da Agricultura, até hoje, teve a genialidade de reconhecer que a pecuária exercia um "papel de Segurança Nacional" pois podia salvar milhões de pessoas da fome, da desvitaminização progressiva e, conseqüentemente, da descivilização contínua. O processo de aculturação por que passa o Brasil e sua população tem muito a ver com a fome. O Nelore passa a ser, nesse enfoque, até um instrumento poderoso de se fazer política, dentro de um espírito inovador, pois assegura fartura nas mesas.

Não foi à toa que um fazendeiro ilustrado teceu um comentário histórico durante uma inauguração de Exposição, à frente de autoridades diversas, no palanque.

"— Minha gente, o futuro de nossa terra não deveria ser mais deixado nas mãos dos políticos porque eles já mostraram e continuam mostrando que não sabem o que fazer por ela. Eles não sabem explorar nossa terra para o povo. Seria melhor se deixassem o Nelore ditar as regras de exploração das imensas terras de nosso país pois onde chega o Nelore ali chega, depressa, o pro-



A raça Nelore é a desbravadora de fronteira por excelência

gresso. O maior político desse Brasil, minha gente, é o Nelore! Ele garante a felicidade do dia-do-amanhã, coisa que nenhum político humano consegue garantir, a não ser por meras palavras passageiras..."

Dando um desconto para o entusiasmo desse fazendeiro, a frase demonstra um importante fundo de gênio popular: o Nelore dá garantias; a pecuária brasileira ainda é uma das esperanças do povo.

Grande parte da Amazônia poderia, e será, fatalmente ocupada por pecuária — em sua primeira etapa de explo-

ração. Para ali caminharão, com ou sem apoio dos políticos e autoridades, imensas levas de pessoas, principalmente de nordestinos açoitados pela desesperança e pela ineficácia de seus líderes. Uma moderna pecuária poderia ser admitida como ferramenta eficaz de desenvolvimento econômico e também de paz social. Num país como o Brasil, praticar-se uma agricultura de subsistência — diga-se de "sobrevivência" — chega a parecer um sacrilégio! Cerca de 80% das propriedades brasileiras, porém, dedicam-se à sobrevivência, vegetativamente, amargando um futuro que insiste em não ser risonho. As cifras de progresso nacional advêm do setor industrialista simbolizando um desprezo para com a própria terra. Qualquer país dos Trópicos não terá um futuro sadio, para sua população, se não passar pelo estágio da pecuária rentável. Ela distribui a população, ela garante investimentos regionalizados, ela promove o melhoramento das novas gerações humanas. A pecuária, sim, poderia ser a grande mola de desenvolvimento de qualquer país, como o foi nos Estados Unidos, na Austrália e até no Brasil colonial.

CHEGOU A VEZ DO TERCEIRO MUNDO

Os países desenvolvidos da Europa e América do Norte não contam com áreas suficientes ou interessantes para a pecuária extensiva. A necessidade alimentar exige a produção de grãos para os seres humanos e, então, voltam seus olhos gulosos para os países do Terceiro Mundo onde sobram terras e braços. As nações do Terceiro Mundo, super povoadas e sem condições de realizar uma sadia pecuária, também mantêm olhos gulosos sobre as nações com terras disponíveis.

Uma rápida análise demonstra que mais de dois terços das terras potencialmente destinadas à agropecuária encontram-se nos países do Terceiro Mundo e, em sua maioria, na faixa entre os Trópicos. Comentam, já, os analistas mundiais que futuro será um imenso hospital — e, logo e seguir, um enorme cemitério — ou, então, as nações do Terceiro Mundo terão que se



O Nelore ocupa cada vez mais espaço no mundo.

transformar em produtores de carne, rapidamente. É grande a preocupação do Clube de Paris, nessa direção, levando-o a sugerir aos membros da OPEP (que mantêm cofres abarrotados de petrodólares) que o único caminho disponível em direção a um futuro saudável será o desenvolvimento urgente do Terceiro Mundo. Considera inadmissível que cerca de 1/6 (um sexto) da riqueza mundial seja destinada para abastecimento de um único país: os Estados Unidos! Para manterem esse papel de "fornecedor de produtos industrializados", os países do Terceiro Mundo têm negligenciado a ocupação e modernização de suas atividades agropastoris,

a despeito das necessidades de suas populações.

Os países dos Trópicos são a esperança da humanidade no fornecimento de carne para o mundo inteiro. Os desafios são imensos, haja vista que o Brasil ainda não conseguiu explicar, para si mesmo, o paradoxo de sua pecuária, onde, a par de importantes sucessos zootécnicos, ainda permanece na dependência da carne produzida em outros países! O Brasil ostenta três características importantes, em sua pecuária.

a) conta com o quarto rebanho mundial de bovinos.

b) conta com uma cabeça por habitante.

c) conta com o rebanho mais adequado para ocupação racional do mundo inter-tropical

Apesar dessas vantagens, o Brasil importa carne para a mesa de sua população! Essa constatação mostra que a Zootecnia venceu, que o fazendeiro é quase um herói mas... a política adotada pelas autoridades não é compatível com essa realidade.

O Nelore é o guerreiro da vanguarda dessa realidade. Foi ele que deu rusticidade ao gado de todos os recantes do país, foi ele que permitiu a ampliação dos rebanhos, em tão pouco tempo. Os mestiços de Nelore ocupam os mais variados espaços geográficos do país, com sucesso.

Quadro 1

ÁREAS POTENCIALMENTE DESTINADAS A UMA PECUÁRIA RÚSTICA NO INTERTRÓPICOS

País	População (milhões)	Área total (km ²)	Área agrícola	Densidade nas terras c/ agric.	Área potencial p/ pecuária	Proteína per capita/dia (gramas)	Calorias p/ O.M.S. (%)
ÁSIA							
— ÍNDIA	732,25	3,28	1,96	372,7	1,32	46,6	93%
— INDONÉDIA	161,63	1,92	0,35	461,2	1,56	48,7	111
— NOVA GUINÉ	3,32	0,46	0,005	637,1	0,457	48,6	79
— MALÁSIA	15,67	0,33	0,05	319,8	0,28	60,3	120
— VIETNÃ	57,02	0,33	—	—	—	—	93
AUSTRÁLIA							
— AUSTRÁLIA	15,54	7,68	5,36	2,9	2,32	93,7	120
AMÉRICA							
— COSTA RICA	2,46	0,65	0,02	111,3	0,03	60,6	118
— CUBA	10,04	0,11	—	—	—	—	122
— EL SALVADOR	4,82	0,02	0,01	340,1	0,007	61,0	60
— GUATEMALA	8,40	0,11	0,03	268,6	0,07	54,9	97
— HAITI	5,18	0,02	0,01	340,7	0,01	50,7	84
— HONDURAS	3,83	0,11	0,05	71,6	0,06	51,2	95
— JAMAICA	2,09	0,01	0,004	462,1	0,006	64,5	111
— MÉXICO	73,01	1,96	—	—	—	73,8	121
— NICARÁGUA	3,06	0,111	0,05	54,1	0,06	61,9	99
— PANAMÁ	2,18	0,07	0,02	105,8	0,06	60,7	103
— BRASIL	144,26	8,51	2,69	—	5,82	61,2	109
— ARGENTINA	31,03	2,76	2,00	15,5	0,76	07,6	127
— BOLÍVIA	6,43	1,09	0,35	18,3	0,75	53,0	90
— CHILE	12,27	0,75	0,19	—	0,56	76,2	109
— COLÔMBIA	27,83	1,14	0,38	72,6	0,75	55,2	110
— EQUADOR	9,64	0,27	0,06	161,3	0,21	46,6	91
— PARAGUAI	3,28	0,40	0,19	17,0	0,21	87,8	113
— PERU	20,20	1,28	0,37	54,4	0,91	60,0	98
— VENEZUELA	17,31	0,91	0,24	71,2	0,66	74,6	111
ÁFRICA							
— ANGOLA	1,05	1,24	0,36	23,3	0,88	37,3	87
— BOTSWANA	5,06	0,58	0,52	2,0	0,06	66,5	90
— CHADE	5,06	1,28	0,54	9,3	0,74	56,5	68
— CAMARÕES	9,16	0,47	0,16	55,4	0,31	59,5	91
— COSTA DO MARFIM	9,74	0,32	0,08	120,1	0,24	55,7	115
— ETIÓPIA	42,17	1,22	0,80	52,4	0,41	59,3	93
— GABÃO	1,14	0,26	0,09	12,8	0,18	68,9	102
— GÂMBIA	0,69	0,01	0,005	137,4	0,006	58,2	97
— GUINÉ	5,30	0,24	0,04	118,7	0,20	37,8	86
— LIBÉRIA	2,11	0,97	0,007	306,5	0,09	51,0	98
— MALAWI	6,84	0,12	0,05	145,1	0,07	65,4	97
— MALGAXE	—	—	—	—	—	—	—
— MAURITÂNIA	1,78	1,03	0,45	3,9	0,57	75,3	97
— MOÇAMBIQUE	13,42	0,79	0,52	25,7	0,27	28,8	79
— NAMÍBIA	—	—	—	—	—	—	—
— NIGÉRIA	92,03	0,92	0,55	165,2	0,36	48,9	104
— RODÉSIA	—	—	—	—	—	—	—
— SENEGAL	6,39	0,19	0,12	52,2	0,07	70,8	101
— SERRA LEOA	3,51	0,07	0,04	87,5	0,03	42,9	85
— SUDÃO	20,56	2,50	0,75	27,3	1,75	68,9	96
— ZAIRE	29,67	2,344	0,16	186,0	2,18	32,7	98

Observação:- O Quadro mostra países com "clima tropical", nem sempre totalmente situados na faixa inter-tropical.

Para se chegar a um salutar estágio de desenvolvimento social preconiza-se que as fronteiras agrícolas precisem ser ocupadas com uma pecuária rústica, de segura economicidade. Para isso, o Brasil apresenta o seu Nelore que já vai avançando pelos currais de vários países, com sucesso crescente.

Qual seria essa fronteira de desenvolvimento nos países tropicais? O Quadro mostra cada país, sua população, sua área, seu consumo de proteínas e caloria, bem com a área potencialmente destinada a uma pecuária rústica, em cálculos estimados.

Do Quadro 1 ressaltam várias conclusões importantes, permitindo notar que há enorme espaço para uma pecuária extensiva e altamente rústica, no mundo. O papel do Zebu, portanto, poderá estar apenas começando! O Quadro 2 dá os totais extraídos do Quadro 1, a saber.



Quadro 2

RESUMO DAS ÁREAS POTENCIAIS PARA PECUÁRIA NA FAIXA INTERTROPICAL

Continentes	População	Área total (Km ²)	Área agrícola (Km ²)	Área potencial p/pecuária (Km ²)
AUSTRÁLIA	15.543.600	7.682.300	5.359.877	2.322.438
ÁSIA	985.457.300	6.329.546	2.369.441	3.630.448
AMÉRICA CENTRAL	115.081.068	2.599.608	217.886	311.662
AMÉRICA DO SUL	272.279.233	17.150.497	6.487.798	10.662.707
ÁFRICA	259.310.304	12.463.738	5.290.306	8.457.426

Estes dados são estimados, pois as informações colhidas referem-se a períodos diferentes, variando desde 1965 até 1985. Quando se soma a área "agrícola" ela inclui também áreas utilizadas para pecuária semi-intensiva e intensi-

va. Quando se deduz a área "potencial para pecuária extensiva" inclui-se áreas inóspitas e inadequadas para uso agropecuário, bem como "reservas florestais", futuros núcleos urbanos, etc. Assim, para se obter um cálculo mais rea-

lata, chega-se ao Quadro 3, onde considerou-se um desconto de 50% (cinquenta) sobre a área estimada e se determinou uma lotação de 1 cabeça para cada 5 hectares.

Quadro 3

LOTAÇÃO PECUÁRIA PREVISÍVEL PARA O MUNDO INTERTROPICAL

Continentes	Área potencial (Km ²)	Área exclusiva p/pecuária (ha)	Lotação a 5 ha/cab
AUSTRÁLIA	3.322.438	166.121.900	33.224.200
ÁSIA	3.630.448	181.522.400	36.304.400
AMÉRICA CENTRAL	311.662	15.583.100	3.116.620
AMÉRICA DO SUL	10.662.707	533.135.300	106.627.070
ÁFRICA	8.457.426	422.871.300	84.574.260
		1.319.234.000	263.840.550

Pelo Quadro 3 nota-se que existem, no mundo, um território de 13, 19 milhões de quilômetros quadrados destinados à pecuária, podendo abarcar 263, 8 milhões de cabeças de gado especialmente rústico. Ou seja, mais de duas vezes o total da pecuária brasileira, da atualidade. É importante notar que 40% desse valioso mercado concentra-se, justamente, na América do Sul, em países vizinhos do Brasil! O Ne-

lore, portanto, não precisará caminhar muito, para chegar aos países necessitados de uma sadia pecuária!

O Nelore veste, agora, a roupa completa de "bandeirante do novo mundo" e assume um novo compromisso, o de colocar mais carne (proteínas) na mesa das populações do Terceiro Mundo e, principalmente, o de gerar uma nova e fabulosa renda para essa enorme população que, até hoje, não conseguiu lo-

grar um lugar ao sol.

Este novo "bandeirante" internacional plasmou-se no Brasil, tornando-se apto a cruzar os mares e montanhas e promover o desenvolvimento de cada país da faixa temperada, semi-temperada e tórrida do planeta. Esse é seu papel, esse é o seu destino abrir as fronteiras de um novo tempo... mais promissor, mais saudável e mais justo para todos.

Para qualquer coisa existem os 10 Mandamentos, mas uma Associação é osso duro de roer e, assim, exige dose dupla:

OS 20 MANDAMENTOS PARA MATAR A SUA ASSOCIAÇÃO.

- 1 — Se pedirem qualquer sugestão para ajudar a sua Associação, não dê. Se as suas idéias não forem adotadas, imediatamente, comece uma guerra...
- 2 — Não compareça às reuniões, nunca! Se o tempo estiver mau, já é bom motivo para não ir. Se, porém, resolver cumprimentar os amigos, então chegue atrasado...
- 3 — Na reunião, se o convidarem para se sentar à mesa da presidência, desfile toda sua modéstia, não vá! Se, porém, não o convidarem, seja duro, peça demissão...
- 4 — Se assistir à reunião, encontre falhas nos trabalhos da mesa. Se a mesa vai bem, então anote as falhas no comportamento dos companheiros...
- 5 — Nunca aceite um trabalho, reserve o papel de criticar. Depois, fique muito aborrecido se não o nomearem para alguma comissão! Se, porém, for indicado para algum trabalho, não compareça...
- 6 — Se o convidarem para ocupar um cargo, responda: "Desculpe, mas não tenho tempo". Depois, erga a voz, nas ruas: "Estão querendo se perpetuar nos cargos!"...
- 7 — Se o presidente pedir sua opinião sobre qualquer assunto, diga que nada tem a dizer. Depois da reunião diga a todo mundo como é que deveriam ser as coisas...
- 8 — Não faça nada, ou então, faça o mínimo possível. Se todos os diretores estiverem dando duro, grite que a Associação está dominada por uma quadrilha, uma "mafia", etc ...
- 9 — Nunca escreva uma matéria ou notícia no Boletim da Associação, nem sendo solicitado. Depois, não perca a chance de dizer que o Boletim é "sem graça e sem interesse"...
- 10 — Atrase o pagamento de sua contribuição, até quando puder. E, se conseguir, mostre sua genialidade: não pague...
- 11 — Se lhe pedirem ajuda para fazer novos sócios, pense logo: "A Associação está morrendo e ninguém está sabendo!"... Correr atrás de sócios é problema do Secretário, e não seu...
- 12 — Diga em voz alta: "Eu pago minha mensalidade e estou aqui para ver os resultados". O fato de os diretores também pagarem e não receberem nada pelo trabalho, não significa coisa alguma...
- 13 — Reclame que a Associação deveria ter uma esplêndida Biblioteca para poder responder, à altura, as consultas dos associados. Se algum diretor solicitar um livro, não dê! Seja esperto, monte a sua biblioteca com livros surrupiados da sua Associação!
- 14 — Exija, sempre, cursos de aperfeiçoamento, como ponto-de-honra, para sua Associação. Quando ela começar a realizá-los, não se inscreva. Se resolver se inscrever, então chegue na última hora. Se, porém, não houver vagas, estufe os peitos e peça demissão...
- 15 — Não perdoe os diretores: faça críticas, sistemáticas, sempre, seja do "time do não", contrarie tudo, pois o bom aço é feito com boas pancadas. Essa é a melhor forma de ajudar a classe. Se quiserem lhe confiar algum trabalho, invente uma desculpa e sai leveiro...
- 16 — Se a Associação promover um almoço, ou banquete, bote a boca no trombone, diga que estão jogando dinheiro no ralo! Diga que isso é muito barulho para nada! Se, porém, a Associação não fizer nenhum almoço, nem banquete, diga que já está morta, sem saber!...
- 17 — Não peça convites, nem compre, para almoços ou festas da Associação, até que estejam esgotados. Depois, saia dizendo: "Me esqueceram, onde estão meus convites?" Se, porém, alguém lhe conseguir um, seja duro, não pague...
- 18 — Se sua revista não chegar, procure o presidente, nunca o editor. Se qualquer funcionário não o agradar, ou se o café estiver meio frio, reclame ao presidente, sempre na hora da reunião. Nunca dê sugestões, ou ajuda, aos funcionários, diretamente.
- 19 — Se a Associação morrer, faça cara de tristeza, lamente em voz alta, diga que o mundo perdeu uma grande riqueza. Lembre a todos que ela faleceu pela falta de companheirismo daqueles que não têm senso de altruísmo e são preguiçosos por natureza...
- 20 — Se quiserem ressuscitar a Associação falecida e pedirem sugestões, desembuche: "Eu sempre disse que eles não eram de nada! Não quiseram me ouvir e, por isso, só podia dar no que deu!" Ajude, assim, a ressurreição, para você continuar sendo o homem importante que é...

AGROPECUÁRIA TROPICAL : A revista com a coragem do Homem do Campo.

NOTÍCIAS DO GUZERÁ

NOVA DIRETORIA, NOVA CASA

Foi eleita a nova chapa da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil, encabeçada por Francisco de Assis Melo, do Rio Grande do Norte. O resultado foi unânime. Assis Melo é tradicional criador e selecionador, mantendo o plantel em regime de ordenha diária. Além de profundo estudioso do Guzerá, Assis ocupa relevante posto entre os geólogos do país, permitindo-lhe dissertar sobre os assuntos nordestinos com segurança. Para eles, o Nordeste não só é uma região potencialmente viável como poderia se tornar um celeiro de alimentos nobres para o mundo. Bastaria aplicar conhecimentos de geologia!

Assis Melo começa sua gestão com vigor, visitando plantéis do centro-sul e conclamando a classe para montar um plano de "marketing". Em suas visitas à ABCZ reforçou a posição de que o Guzerá exige, nas pistas, um enfoque permanente sobre as características raciais.

GUZERÁ COM SALA EM UBERABA

Depois de ter ocupado importante posição na região nordestina, o Guzerá havia parcialmente abandonado as discussões uberabenses. Agora, retorna para recomençar ou continuar a luta, dentro da ABCZ. A inauguração da sala ocorrerá durante a Expo. Nacional de 1989, por conta do presidente João Gilberto Rodrigues da Cunha, da ABCZ, e Assis Melo, da ACGB, com convidados de todo país. A nova dependência da ACGB terá funções particulares, unindo a classe centro-sulina e promovendo um intercâmbio mundial para o Guzerá, tida como "a raça mais versátil da atualidade".

GRANDE FESTA EM SALVADOR

A Festa Brasileira de Guzerá ocorrerá em Salvador, no mês de novembro, juntamente com a Fenagro, promovida pela ABAC. O evento vem sendo coordenado inicialmente por Adoniran Andrade, secundado por Marco Mendonça e companheiros que residem no Recôncavo. A ACGB vem dando todo apoio a essa mostra que já deverá ocorrer, ou não, a próxima Expo. Nacional da Raça. A programação da festa já vem desde a gestão de Camillo Collier (in memoriam) pois a Bahia conta com cerca de 35 criadores da raça Guzerá e já foi uma parcela importante do plantel nacional.

OS MISTIÇOS DE GUZERÁ

Em Julho acontece a 1.ª Exposição de Cruzamentos de Zebu, no recinto da ABCZ. É de se esperar que a raça Guzerá saia vitoriosa pois é a que demonstra maior número de cruzamentos bem sucedidos, tais como: Lavínia, Pitangueiras, Cariri, Indubrasil, Guzonel, Mochó, Santa Gertrudis, Brahman, Riopardense, Guzolando. Além desses cruzamentos consolidados, restaria denominar os cruzamentos com Chianina, que irão estar presentes na mostra, com Limousin, com Jersey, com Dinamarquês, e outros praticados pelo Brasil inteiro, ora buscando uma melhoria na carcaça, ora na produtividade leiteira. Para cruzamentos, tanto na Índia como no Brasil, o Guzerá tem sido apontado, sempre, como a melhor raça.

Essa Exposição da ABCZ veio abrir uma grande porta para a raça azulega, se houver tempo de preparar os animais para o evento. Nenhuma outra raça tem tamanha chance de mostrar sua pujança, como o Guzerá.

FUNDAÇÃO DE PESQUISAS

Já se encontra em estado avançado de discussão a introdução de uma "Fundação de Pesquisas do Guzerá", sob comando da ACGB e tendo como orientadora uma comissão de alto nível científico. Essa Fundação promoveria, em todo território nacional, determinadas pesquisas de imediato interesse da raça, visando obter melhores dados do desempenho da raça, ora submetida a todas as condições climáticas do trópico.

Essa Fundação poderá constituir o maior feito histórico de uma raça zebuina pois tratar-se-á do início de um novo tempo, onde serão implementadas as verdades que interessam à raça, em particular.

Provavelmente até o final de 1989, esse assunto já estará definido e o 1.º Conselho Curador já esteja em pleno funcionamento, pioneiramente.

FRANCA: O GRITO GUZERATISTA

Franca foi um dos berços da raça Gir mas foi conquistada pelas raças leiteiras européias... até recentemente. O Gir desapareceu, cedendo lugar às mestiçagens. Em seu lugar chegou o Guzerá, com muita vivacidade, ocupando os pavilhões de um dos mais simpáticos Parques do Brasil. Em 1987 havia cerca de 60 animais Guzerá. Em 1988 pouco mais de 70. Para 1989 espera-se repetir o êxito do ano anterior.

A Exposição de Franca onde estão presentes normalmente as raças holandesa, schwyz, jersey e pitangueiras, ganha uma nova face. O Guzerá é a única raça zebuina pura, com destaque. O motivo é simples: a região é cafeeira, cabendo lembrar que o Guzerá teve seu passado glorioso ao lado dos cafezais do Rio de Janeiro, O Gir, por sua vez, viveu alguns momentos de glória também nos cafezais!

Pelo brio dos criadores, Franca vem consolidando a posição de grande exposição da mais imponente raça zebuina, a mais objetiva entre as que se realizam no centro-sul do Brasil.



RÔMULO KARDEC E O ZEBU BRASILEIRO

A revista AT fez algumas dezenas de perguntas "doídas" e melindrosas ao Dr. Rômulo Kardec, presidenciável pela ABCZ, e ele não se fez de rogado; respondeu a todas, resumindo no final: "Isso não é entrevista, é um rolo compressor!"

JUIZ EXPULSO OU NOVO JUIZ?

AT — Acontecem coisas interessantes e até pitorescas no panorama do Zebu. Por exemplo, um zootecnista não encontra emprego nas fazendas mas a ABCZ determina que os juizes nas pistas têm que ser diplomados! De um lado, o zootecnista não entra nas portei-ras das fazendas, onde residem, de fato, os homens que plasmaram esse patrimônio que é o Zebu; de outro, ele é o ditador das regras que comandam e comandarão o futuro das raças e dos currais! Qual a sua opinião a respeito?

RC — *Falta conscientização técnica no meio rural. Qualquer país procura zootec-nistas, até o Paraguai. A ABCZ é sub-bordinada, por delegação, ao Ministério e é de lá que chegam as ordens. A ABCZ, com certeza, poderia preferir os homens que marcam a tradição brasileira mas já sofreu até intervenção a esse respeito do Ministério que é incisivo no uso de mão-de-obra diplomada.*

AT — Diz-se que uma maneira de o "imperialismo mundial dominar o Terceiro Mundo é obrigar o uso de pessoas diplomadas, com pouca sabedoria acumulada, no lugar de pessoas práticas. Assim, nenhum filho de fazendeiro de Zebu poderia vir a ser juiz. E pior, as escolas de Zootecnia estão longe das fazendas...

RC — *O melhor é que os fazendeiros enviem seus filhos para as escolas de Zootecnia e, depois, para o curso de julgamento. O diploma, hoje, tomou conta do país, não somente na pecuária. Veja o que acontece com as farmácias, dentistas, veterinários, até jornalistas! Você não disse, certa vez, que preferia ter zootecnistas na redação da revista e, no entanto, era obrigado a contratar jornalistas?*

AT — Não poderia haver uma fórmula que atendesse o Ministério e também a ABCZ, dando chance aos filhos de fazendeiros? Afinal, a escola de Zebu tem que passar pela escola de Zootecnia? Quem fez o Zebu foi Uberaba e, agora, quem faz é o Zootecnista: isso não é destruir Uberaba?

RC — *Isso vem acontecendo com todas as raças, não se trata de atentado*



contra Uberaba, isoladamente. Acontece que as outras já têm um Padrão consolidado e o Zebu continua em evolução. Uma fórmula para mudar? Muito difícil, pois a questão está regulamentada. O melhor é incentivar os práticos para cursar Zootecnia.

AT — As regras do Zebu serão, então, ditadas de fora para dentro?

RC — *Nem sempre, há o Conselho Técnico da ABCZ. Há a Assembléia, o Conselho Diretivo, os Simpósios, onde participam ativamente os fazendeiros e seus filhos, mesmo que não tenham ligação técnica com a Zootecnia.*

AT — Comenta-se que o julgamento vi-

rou profissão altamente rentável e que aquele trabalho sacerdotal, registrado na História, já terminou. Hoje, o juiz quer ganhar dinheiro, e estabelecer uma agenda com o maior número possível de julgamentos em todo país. E, nesse caso, os meios utilizados para julgar aqui e acolá nem sempre são muito recomendáveis... O julgamento não poderia ser gratuito, ou isso afugentaria os zootecnistas diplomados?

RC — *Bom, poderia virar compadrismo. Há técnicos ruins mas também há fazendeiros ruins. Os exemplos de compadrismo também estão registrados na História de ontem, e até de hoje! Ganhar dinheiro honestamente é questão de sobrevivência do profissional em*

qualquer área. Estabelecer uma agenda com o maior número de julgamentos, vai depender da aceitação de cada um que está intimamente ligada à sua capacidade profissional.

AT — Muitas pessoas fazem os cursos de julgamento pensando tornar-se juiz mas os tais cursos, espalhados pelas regiões longínquas, sequer cogitam disso. Não seria mais proveitoso que tais cursos fossem publicados e distribuídos para todo o criatório nacional, ao invés de constituírem fonte de arrecadação pára-oficial?

RC — Existe carência de ensinamento nas escolas. Os cursos de Julgamento tentam suprir. Mesmo não sendo muito corretos, como você afirma, a intenção é boa. Se tirasse o nome da ABCZ, então eles desapareceriam.

AT — Mas as pessoas que se inscrevem, pensam que um dia poderiam ser juizes mas não existe uma escala de aprendizado onde, por exemplo, um cearense faz esse primeiro curso, depois um outro, depois é aceito como juiz auxiliar, depois como juiz titular regional e, lá no final, poderá ser até um juiz nacional. Da forma como está, o curso não oferece uma oportunidade prática na carreira de julgamento. Caracteriza-se mais como uma exploração de mercado que poderia ser melhor praticada por meio de monografias, ou algo similar.

RC — As coisas vão acontecendo aos poucos. Antes não havia os cursos, nem livros; hoje vão surgindo as iniciativas, algumas meio precipitadas. O tempo, porém, acerta tudo, desde que não acomodemos, e estejamos sempre procurando a evolução do sistema.

O FESTIVAL DE RAÇAS

AT — O nelore variedade de pelagens, com cerca de 0,005% do plantel indiano, ganhou Registro Genealógico no Brasil, enquanto a variedade pele-rosa, com mais de 60 criadores não teve a mesma chance. Há duas medidas e dois pesos?

RC — Existe a comissão de técnicos e de criadores para homologar uma variedade. O pele-rosa já foi submetido a análise várias vezes e sempre foi derrotado. A ABCZ, porém, continua aberta a receber estudos científicos. Aguarda-se que as variedades vão sendo homologadas, com ciência. Se ela ocupa um lugar no mercado, então deve ser aproveitada, doa a quem doer! A verdade é que impera, no final das contas. Se a variedade é boa, então uma comissão de criadores pode levar o caso adiante e conseguir a homologação.

AT — O nelore colorido não é uma heresia diante da hegemonia do branco?

RC — O nelore é um todo, a preferência é ditada pelo mercado. Se o mercado compra a variedade colorida, então não se trata de heresia. As outras ra-

ças também têm pelagens variadas, tais como o Gir e o Indubrasil.

AT — Ao invés de procurar uma "tropicalização" do nelore por meio de estudos científicos aprofundados, a ABCZ abriu Registro para a variedade colorida. Não se trata de uma incoerência?

RC — Somos favoráveis a aprofundar estudos. O Zebu ainda está carente de dados. Os poucos dados disponíveis referem-se a certas regiões mas não há um estudo completo sobre o trópico. A carência porém, não é apenas sobre aspectos zootécnicos, também sobre agrostologia, etc.

AT — Vem sendo engendrado um festival de raças para conviver nos melhores climas do país. Nenhuma raça desenvolveu estudos para ocupar o semi-árido, nem a terra fraca e lixiviada da Amazônia, etc. Por que o Zebu imita os lusitanos do período colonial deixando de fazer o duradouro para se dedicar ao pomposo e efêmero?

RC — Falta orientação e estudos. Quem faz a raça é o criador, tomando prejuízos. O lusitano foi um herói, como continua sendo o homem do campo ainda hoje. A adequação de raças é programa de governo que, ele sim, não assume a terra. Os políticos é que não assumem e não o homem que leva o sol no lombo! O criador deveria receber o programa, com base científica, pronto! Quem lucraria? O país, claro, diminuindo a fome. Havia excesso de terra, como continua havendo. Assim, quando as coisas ficam ruins, o produtor rural migra para terras melhores. O governo obriga a isso! É claro que no futuro o país vai ter problemas sérios devido a esse comportamento. Essa "consciência lusitana e colonialista" preserva o gosto pelo bonito e pomposo, ditado pelo mercado e quem seria louco para fugir das regras do mercado? Não se cria uma raça por mero prazer ou "hobby". Tem que se pensar no retorno do investimento, nos competidores e no comparativo com outras raças.

AS PROVAS QUE NÃO PROVAM, OU PROVAM?

AT — Alguns criadores pretendem a extinção do Controle do Desenvolvimento Ponderal por se tratar de um claro "elogio ao capim da fazenda". Também preconizam a extinção das Provas de Ganho de Peso, cujos resultados não são válidos para todas as situações tropicais. Estariam certas essas posições?

RC — É óbvio que as Provas Zootécnicas não atendem a todo universo dos trópicos. Rio Grande do Sul não é Minas Gerais e esta não é Rio Grande do Norte. Seriam necessários três provas para obter a verdade, nestas regiões. Depois, talvez um índice de comparação! A intenção, porém, é válida! O que está faltando são os parâmetros corretos de avaliação.

AT — Da forma como estão, as Provas

privilegiam o Nelore, pois são realizadas num clima exuberante, e o Nelore conta com número de animais para uma saliente demonstração.

RC — Nem sempre o Guzerá está aí vencendo as Provas, aos montes, no Ganho de Peso. As Provas precisariam ser realizadas a nível de fazendas, sem cocho, de sol a sol. Daí sairiam os reprodutores do futuro. Todos sabem que vaca magra não cicla, que boi magro não tem libido, que as cabras abortam nas secas. Assim, fazer provas no momento de fatura não condiz com a verdade zootécnica, nos trópicos. A prolificidade talvez tenha muito mais a ver com a renda da moderna fazenda do que o simples "ganho de peso".

AT — E a Zoologia, onde fica? As Provas são utilizadas como comparativos para mostrar qual raça é melhor e, no entanto, isso deveria ser impossível, zoológicamente, uma vez que cada raça tem sua finalidade.

RC — Pela Zoologia talvez o Gir ou qualquer raça perdedora seja tão boa quanto as vencedoras. Daí a necessidade de se ter a parâmetro de avaliação que não prejudique o resultado. Somos favoráveis à discussão, para buscar o correto. Nós sabemos que as vacas são engordadas para concorrer às Exposições, mas isso constitui um erro biológico! Por que não engordadas, até excessivamente? Porque a verdade não foi extraída, ainda, nos campos, através de Provas Zootécnicas que expressem a realidade. É sabido que ganhar peso é característica de alta herdabilidade. As provas estão ajudando a indentificar esses animais. Teremos, portanto, progênes mais precoces, com lucros para o criador e a pecuária brasileira. O Nelore é bom ganhador de peso mas é exigente. Em pastagens naturais e fracas, comparando-o por exemplo, com o Gir, ele sai perdedor. Por isso é que insistimos: tem que se ganhar peso no manejo usual brasileiro, pois não vivemos só de confinamento ou de pastagens pomposas. Aí então as provas serviriam também para adequar as raças de acordo com as regiões.

AT — O Zebu Leiteiro está provocando um cisma pois seu mercado é superior a três milhões de propriedades enquanto o Zebu de corte tem um mercado muito menor de propriedades, embora muito superior em número de cabeças. Os cismáticos leiteiros cultivam controles leiteiros eficazes, enquanto os de corte praticam o culto à beleza e à estética. Poderia, num futuro qualquer, ocorrer um desligamento dos "leiteiros" de Uberaba?

RC — Não cabe um desligamento, cabe uma adequação dos critérios de avaliação. A desunião nunca é benéfica. Só existe um Zebul

AT — O Zebu Leiteiro pode ser diferente em sua constituição? Assim, as Provas Zootécnicas atuais estariam privilegiando apenas o "tipo corte" visan-

FAZENDA CAPITÃO

JEREMOABO - BA

JOSÉ MARIANO DE SOUZA

Lagarto - Sergipe

Fone: (079) 622-1530

NESTE PLANTEL ESTÁ O MAIS VALIOSO PATRIMÔNIO GENÉTICO DA RAÇA

RECORDISTA MUNDIAL DE PESO - NA RAÇA INDUBRASIL

VENDAS PARA:
SÃO PAULO
BAHIA
MINAS GERAIS
PARAÍBA
PERNAMBUCO
RIO GRANDE DO SUL
GOIÁS
MATO GROSSO
MARANHÃO
MÉXICO
TAYLANDIA



BRADESCO DO CAPITÃO - 1,190 kg

EXPORTAMOS PARA A
TAYLANDIA
POR
AGROEXPORT

SÊMEN
NA
LAGOA DA SERRA

NOTÁVEIS!
IMPONENTES!
GRANDE PORTE!
SÃO
A VERDADEIRA
EXPRESSÃO
DA
RAÇA INDUBRASIL
NA

FAZENDA
CAPITÃO



TRAPICHO DO CAPITÃO



FAROL DO CAPITÃO



MATRIZES RÚSTICAS, PESADAS E BEM CARACTERIZADAS, ATESTAM A PUREZA GENÉTICA DO GADO.

O INDUBRASIL SERTANEJO NA VANGUARDA DA RAÇA

“Outstanding reproducers, with impressive shape and features, rustic and heavy stud cows featuring excellent breed characteristics, testify how pure is the INDUBRASIL cattle of FAZENDA CAPITÃO:

THE HOME LAND OF THE BEST INDUBRASIL CATTLE IN BRAZIL”.



FAZENDA ALFREDO DE MAYA

EMÍLIO ELISEU MAYA DE OMENA E IONE

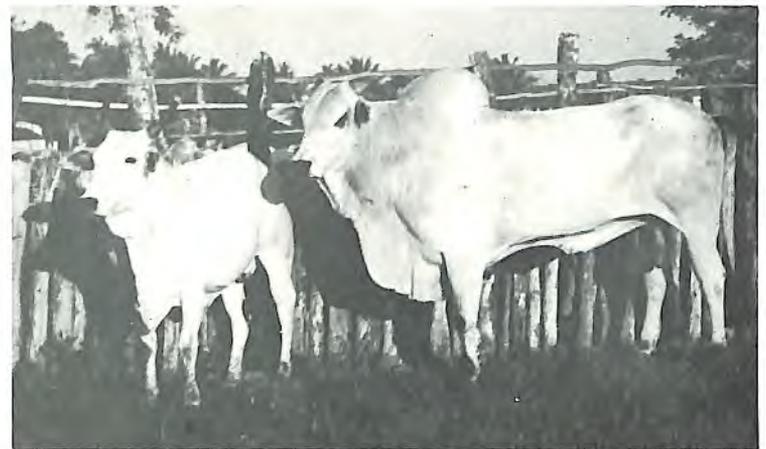
Em 1910, no alto sertão alagoano surgia a Fazenda Alfredo de Maya, com um rebanho de gado nelore cujo lastro era constituído de matrizes adquiridas a Durval Garcia Menezes - Fazenda Indiana RJ, e de Otávio Ariani Machado - Bahia.



SHEICK (adquirido a Pedro Nunes)
O maior genearca da época, 1940 (valia o preço de uma usina de açúcar) passa a pa-
drear as fêmeas do rebanho nelore da fazen-
da Alfredo de Maya, em Cacimbinhas AL.

Na década de 60, entra no rebanho da Alfredo de Maya o sangue de **AKASAMU**, imprimindo peso e cobertura muscular, e **PADHU** que fixou no rebanho altura e longilidade

PADHU - importado
notável reprodutor que veio a imprimir
altura e longilidade ao gado nelore da
Alfredo de Maya



Fêmeas longilneas, boa altura com forte constituição e notável caracterização racial.

REDO DE MAYA

LAGES DE OMENA CACIMBINHAS-ALAGOAS

Hoje, com quase 80 anos de seleção na caatinga nordestina, Emílio Omena, no comando da evolução do rebanho afirma que os parâmetros são os mesmos: maior precocidade, maior rusticidade sem perder caracterização racial.

A evolução qualitativa do gado é notória como bem demonstram os títulos tão brilhantemente arrebatados nas mais diversas e concorridas pistas do Brasil



MÁXIMA
CAMPEONÍSSIMA
O PADRÃO VIVO EM
CARACTERIZAÇÃO RACIAL
DO NELORE DO BRASIL

PROGÊNIE DE CHUMACK
COM VACAS AKASAMU
NOTÁVEIS E IMPONENTES MOSTRAM
A PUJANÇA DO NELORE DA
ALFREDO DE MAYA



É UM DOS REBANHOS MAIS REFINADOS DO BRASIL "DICO"



FAZENDA ALFREDO DE MAYA - CACIMBINHAS - ALAGOAS
Emílio Eliseu Maya de Omena e Ione Lage de Omena
Rua Barão de Jaraguá, 398 - Fone (082) 221-0819 e 221-2719 - Maceió - AL



ESTÂNCIA ALTO FLORES

FLORENTINO SOARES FONSECA
1.º Exportador para a TAILÂNDIA

EXPORTED
TO TAYLANDIA
BY AGROEXPORT



LAMPIÃO DA AUTO FLORES
41 MESES - 1.100 kg.

- Grande Campeão da Raça, Montes Claros/88
- Res. Touro Jovem, Uberaba/88

MUITO PESO, NOBREZA E RAÇA



PORTELA : 19 MESES - 530 kg

- CAMPEÃ NACIONAL BEZERRA, UBERABA/88
- CAMPEÃ BEZERRA, MONTES CLAROS/88

ESTÂNCIA AUTO FLORES
Montes Claros - Minas Gerais
Escr: Av. Padre Chico, 149 - Cx. Postal 179
Fone: (038) 221-1177 - CEP: 39400
Fazenda: Fone: (038) 221-7549
Resid.: Fone (038) 221-3836
Telex: CUAP/BR - (038) 38-2218
FAX: (038) 221-8909

FAZENDA CACHOEIRA IRAUCUBA - Ceará

Dr. GERARDO MAGELA
R. José Vilar, 920, Aldeota - FORTALEZA - CE
Fone: (085) 231-9426 / 224-1277 / 224-2847



CONGRESSO - Peso e Raça com muita rusticidade

**"ESTE GADO É NATIVO DA REGIÃO
MAIS ÁRIDA DO NORDESTE BRASILEIRO"**

Fêmeas submetidas a regime de campo,
com pluviosidade máxima de 300 mm/ano



RUSTICIDADE A TODA PROVA

EXPORT FOR
TAYLANDIA
BY
AGROEXPORT

do os brilhantismo de Exposições? Onde fica o leiteiro?

RC — *A verdade nua e crua, é que o julgamento nas pistas é pelo fenótipo mas não apenas pela beleza! A função está entrando nas pistas, lentamente, por meio de fichas de Ponderal, de Provas de Ganho de Peso e até um mínimo de prolificidade. No futuro também haverá fichas de Controle Leiteiro, para o Gir, o Guzerá e até o Nelore! Precisamos cultivar a função, mas ainda temos poucos dados. Não devemos apenas censurar, porque o julgamento pelo exterior provocou um avanço no Zebu... tem seu mérito! A tentativa sempre foi a mesma: associar a função à estética. Hoje a função exige controles mais complexos. O Brasil é a vanguarda e isso não é fácil! Gerar dados a partir do nada não é fácil. Há carência de recursos para pesquisas na Zebuicultura. Para o benefício da pecuária nacional, o governo teria que auxiliar, decisivamente, as Associações.*

AT — O Zebu veio da Índia para dominar o mundo dos trópicos e, como tal, ele já está sendo exportado. Quais as provas que endossam esse domínio? Haveria muito a fazer, ainda?

RC — *O processo ainda é inicial, existe muito a se fazer. Estamos engatinhando em matéria de provas zootécnicas. O percentual de cada raça dentro das provas ainda é baixo. O percentual mais baixo, como você mesmo já divulgou, é do Nelore — embora a aparência seja justamente o contrário! Por outro lado, acho que o zebu é plenamente vitorioso, pois está em todos os lugares do país. Desde a chegada do Zebu, já entraram 28 outras raças européias ou taurinas, trazendo com elas mais de 100 (cem) epizootias, enquanto o zebu trouxe apenas a peste bovina em 1920! O Zebu venceu, as demais estão lutando com dificuldades, nos trópicos.*

AT — O Zebu provou ser o melhor justamente porque permite uma melhor colheita de animais por ano. Então por que, nas pistas, somente se leva em conta o "peso" do animal e "raça": dois fatores que não determinaram essa vitória? Por que essa distância entre a ciência e a exibição?

RC — *O juiz avalia o fenótipo e dados de função. Com a evolução do Zebu, os dados deveriam ser mais expressivos e realistas, abordando progênie, fertilidade, leite, etc. Estamos entrando, agora, nesse estágio, talvez com um certo atraso.*

O ZEBU PARALELO

AT — Os juízes determinam, ultimamente, que os animais devem ter "ancas retas", embora se saiba que a angulação da garupa tenha a ver, diretamente, com a prolificidade. Quem estaria certo: o juiz ou o Zebu? É possível haver disputa entre o mercado e a seleção sensata?

RC — *Na verdade não temos visto muita luta pela retificação das ancas. O Padrão diz que ela é "ligeiramente inclinada"; como característica do Zebu. Não devemos, portanto, defender ancas retas. Essa angulação tem correlação com a Zoologia; seria tolice zootécnica tentar modificá-la, pois iríamos modificar algo na função. A angulosidade tem a ver com o parto, com limpeza uterina, com facilidade de enxerto, etc. Até com a própria altura do animal.*

AT — Mas há juízes que pretendem modificar as ancas, até por Decreto divino, bem como as orelhas, etc...

RC — *Pode ser, mas isso é exceção, apenas imaturidade no conhecimento aprofundado da realidade do Zebu.*

AT — Sabe-se que um zebuino produz menos leite quando sua anca fica mais reta. Pelo menos, até prova em contrário! Haveria intenção de se condenar o Zebu Leiteiro, com tal condenação sistêmica nas pistas? Ou seria apenas tolice?

RC — *Eu não condeno ligeira angulosidade de anca, como juiz; acho que é até predicado, quando compensada com um culote descendo até os jarretes. Mas não posso afirmar que alguém esteja interessado em boicotar o Zebu Leiteiro. Acho que não há intenção real, nem tolice, apenas falta de orientação e reflexão.*

AT — O Zebu Leiteiro precisa de uma cria todo ano, para tornar rentável o leite produzido. Assim, acaba tendo um notável índice de fertilidade. Seus produtos concorrem no mercado do Zebu de Corte. E, com a chegada da civilização ao interior brasileiro, o Zebu Leiteiro vem ocupando áreas que pertenciam exclusivamente ao Zebu de Corte. Acha que não está havendo uma campanha contra ele, tentando atrasar seu domínio nas áreas civilizadas?

RC — *Há espaço para tudo, as cidades exigem leite das proximidades e a carne pode vir de longe. Querer praticar pecuária de corte nas vizinhanças dos grandes centros é tolice, tanto quanto querer combater o Zebu Leiteiro nas pistas. Cabe à ABCZ e às Associações de Raça definir o assunto de forma correta para seus juízes, por meio de pesquisas e mensurações. E cabe perguntar: onde estão os parâmetros? Você faz perguntas e mais perguntas e recebe a mesma resposta: estamos atrasados na formulação de parâmetros científicos de avaliação. Talvez isso até explique, em parte, a baixa eficiência pecuária do Brasil.*

AT — Todo mundo diz: "tudo está escrito no padrão" como se as raças zebuínas estivessem homogêneas, de verdade. Há até quem pense que, excluindo-se a cabeça e a pelagem, todas as demais características sejam iguais, para qualquer raça. Por isso, afirma-se que o Zebu é tipicamente para corte. Há diferenças palpáveis na morfologia de cada raça zebuína?

RC — *Teoricamente distingue cada raça pela pelagem, mas Indubrasil não é Nelore. Qualquer criador, mesmo leigo, sabe que um Gir é diferente de um Nelore. A conformação muscular é diferente, embora o Padrão diga que é igual. Realmente haveria muita vantagem na descrição detalhada de cada raça. Não sei quem poderia fazer isso da melhor forma, ou se a ABCZ, ou se a Associação de Raça. Chegou a hora da Ezoogênese do Zebu, que já existe para os equinos, mas não para o Zebu. As diferenças são evidentes: na qualidade da ossatura, na angulação dos jarretes, na massa muscular, no couro, no comprimento da cauda, embora a pelagem possa ser até semelhante.*

AT — E no metabolismo, poderia haver características diferentes que precisariam ser levadas em conta?

RC — *É claro, tais diferenças é que habilitam certas raças a ocuparem determinada situação ecológica, enquanto outras não dão certo. São essas diferenças que constituem a grande riqueza zebuína, como patrimônio genético brasileiro. O país não tem apenas uma raça para exportar — que sirva para todas situações — mas conta com várias delas. Isso é riqueza. Temos que levar em conta esse detalhe ao estudo do Zebu. Já começou, pois o Guzerá já está promovendo uma doutrinação própria, o Gir também. Cada raça vai procurar o seu lugar no mercado, com uma doutrina própria. O mercado saberá escolher o melhor, como sempre.*

AT — Afirma-se que, quanto mais pura, mais a raça tem condições de perpetuar as características funcionais. Isso é verdade entre os zebuínos? Se não é, então por que a insistência em fazer seleção racial?

RC — *Isso é verdade, só a pureza garante a transmissão das virtudes funcionais. A salvação é o emprego do animal mais adequado, mais rústico, mais produtivo, mais longo, etc. Isso é o que sempre se soube e se praticou. Querer modificar isso, agora, é querer tapar o sol com uma peneira.*

AT — Mas a terra-mãe do Zebu vem praticando mestiçagem em busca de leite...

RC — *Não podemos cometer a mesma besteira que a Índia. Nós fizemos uma pecuária alicerçada na sensibilidade do criador brasileiro, no olho e na intuição, que deu muito certo. Não há comparativo no mundo inteiro para o trabalho genético aqui realizado. Os Estados Unidos quase liquidaram sua pecuária do Brahman, com os índices decaindo sensivelmente. Agora estão aí, espertamente, levando sêmem para consertar o Brahman, com ou sem aftosa. E, estranhamente, na hora de importar nossa carne, censuram a aftosa. Ao invés de condenar a aftosa deveriam condenar sua pouca eficiência seletiva em Zebuínos. A aftosa é usada por eles para*

barrar a entrada e o domínio do mercado mundial de carnes para um país do Terceiro Mundo como o Brasil! Mas isso já é outra conversa.

AT — O Brasil é uma síntese do mundo tropical e teria já ecótipos bem definidos entre os zebuínos? Temos ecótipos para zonas frias, zonas elevadas, zonas florestadas, semi-áridas, etc.? Ou há necessidade de novas raças ou variedades dentro do Zebu?

RC — *Sem dúvida falta um zoneamento. Ninguém se preocupou com isso. O mercado é que tem determinado esse zoneamento, a duras penas para o dono do curral que acaba utilizando Nelore, onde poderia ser Gir, ou Indubrasil. Não precisamos plasmar raça nenhuma nova, falta adequar as que já temos! Já temos algumas noções bem alicerçadas, por exemplo: o Nelore é exigente, só vai bem em regiões ricas ou com os cuidados do dono; já o Gir sobrevive em pastagens pobres, etc. Abrir variedades em número suficiente pode ser até um caminho, se necessário, mas nunca deveríamos abrir novos livros de Registro. As variedades deveriam ser encaixadas dentro do padrão único da raça-mãe.*

A DISPUTA DE MERCADOS

AT — No início do século dominava o Guzerá que foi derrubado pela formação do Indubrasil, que foi derrubado pelo Gir, que foi derrubado pelo Nelore. Poderia haver extinção do Guzerá, ou do Indubrasil? Para que serve, hoje, o Indubrasil diante da potência que é o Nelore?

RC — *No início, a seleção era pelo fenótipo e cabeça, principalmente pela orelha. A preferência era pelo Guzerá, seguida pelo Indubrasil, com orelhas reprodutivas, facilidade de manejo, adequação ao mercado, etc. Então o Nelore um critério de seleção, não há dúvida, que deu certo a princípio. Depois veio a inversão, com a busca de qualidades reprodutivas, facilidade de manejo, adequação ao mercado, etc. Então o Nelore avançou. Cada raça, porém, pode atender um certo tipo de mercado, está faltando um zoneamento, e uma doutrinação global de cada raça. Falta a busca de verdade científica. O mercado quer essa verdade e o Nelore está na dianteira pois ele tem uma verdade bem clara: é a raça que dá menos trabalho para o criador! Dados científicos não mentem; as Associações de Raça estão engolindo sapo por não terem formulado um corpo de doutrinação, alicerçada na ciência.*

AT — Não haveria extinção, então, e o Indubrasil estaria salvo, bem com o Guzerá?

RC — *Seleção tem uma grande dose de abnegação e busca de verdade de cada raça. O Guzerá buscou sua verdade e descobriu o Nordeste onde vai indo muito bem. O Sindi estava se esfalecendo e, de repente, também descobriu o Nordeste. O Indubrasil diminuiu o seu*

efetivo mas será que isso não era esperado? Será que esse decréscimo não seria a mola histórica para promover o aperfeiçoamento a raça pedia? Temos verificado que uma raça, quando cai, sobe depois com mais rigor.

AT — Diz-se que o Gir Mocho vem devorando o mercado do Gir de corte. Dizem, inclusive, que o maior mercado do Gir padrão é vender para os mocheiros. O Gir padrão teria os dias contados?

RC — *Os dados estatísticos mostram essa tendência: o mocho ocupando o espaço das raças de chifres. É uma tendência mundial e não apenas do Brasil. Mas já existe um movimento de conscientização e recuperação do Gir que produz carne, leite e perpetua essas virtudes. O Gir é um só, com chifres ou sem eles.*

AT — O Gir mocho teria virtudes além do Gir Padrão? O Gir mocho tem condições de disputar mercado com o Nelore?

RC — *O Gir mocho tem todas as virtudes do Gir Padrão e mais uma: a ausência dos chifres. Ele disputa com o Nelore com muita vantagem, em regiões adversas ao Nelore, ou seja, em cerca de 70% do território já explorado do Brasil. O Nelore é bom, mas exigente, ele vai na frente, abrindo territórios, o Gir mocho vai atrás. Existe a tendência mundial de amochamento, tanto por meio natural como artificial, por motivos primordialmente econômicos.*

AT — O Nelore mocho também derruba mercados do Nelore Padrão? Tanto o Gir Padrão como o Nelore Padrão terão cometido um suicídio ao homologarem as variedades mochas? Não teria sido mais produtora que essas variedades tivessem um outro nome, uma vez que são raças bimestiças?

RC — *Não, nada de suicídio. O Mocho apenas soma. O que está errado é o tratamento em separado. A variedade deveria ser julgada, nas pistas, ao lado do Padrão. Ambas as seleções, com chifres e mochas, são conquistas do país e deveriam ser julgadas juntas.*

AT — O Guzerá Mocho, que já está surgindo, terá lugar no mercado? A heterose irá privilegiar o guzerá mocho, pois é oriundo do cruzamento com Nelore?

RC — *O guzerá tem sido vencedor nas provas de ganho-de-peso, e isso lhe dá forças na ocupação de um espaço no mercado. O vigor híbrido, da heterose, deve ser igual tanto para Guzerá, como para o Gir ou Nelore. Ao menos, apresentará resultados na mesma proporção. Não temos respaldo científico para responder hoje. Esperamos a mesma heterose, só isso.*

DAS FESTAS E FESTAS

AT — O Zebu Mundial deveria ter sua sede no Brasil? A ABCZ não poderia permitir que cada raça promovesse seu Registro Genealógico mas que todas ficassem sediadas em Uberaba, como já é? A ABCZ seria, então, uma espécie de "federação" das raças zebuínas...

RC — *A sede do zebu mundial já é o Brasil, pelo contingente e pela diversificação das raças e também pelo avanço da seleção já realizada. Quanto a isto não existem dúvidas. A ABCZ vem difundindo o Zebu e mantém um bom serviço de Registro. Não convém mexer em time que está ganhando. O que falta é a busca de dados científicos, só isso. Trata-se de introduzir essa nova fase. Não vemos necessidade de divisionismo. Isso é assunto para o futuro e o futuro que cuide dele. No momento, cada Associação de raça vai muito bem sob a tutela da ABCZ, no que diz respeito ao registro genealógico. Uma uniformização de critérios de julgamento em pistas e para registros, deveria ser tentada para todas as raças zebuínas.*

AT — Acha correto essas promoções de Exposições de Mestiços? O papel da ABCZ não seria o de promoção do Zebu puro? A introdução de mestiços não seria um "sinal dos tempos"?

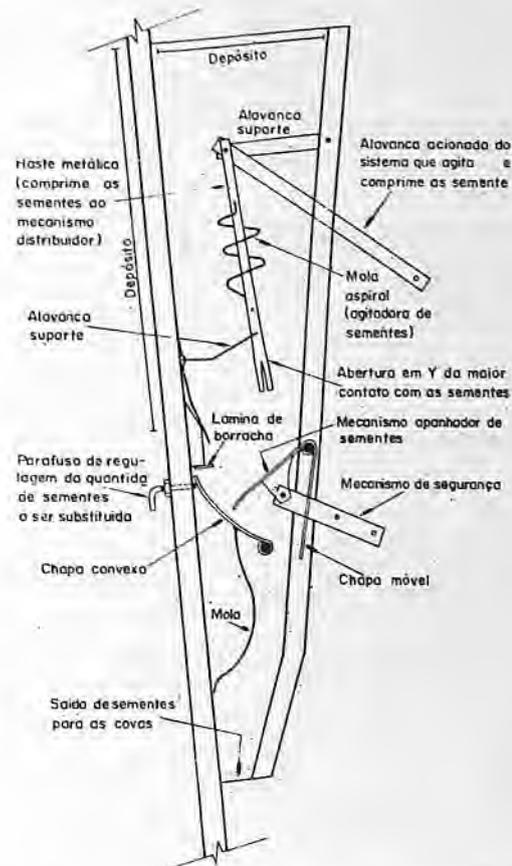
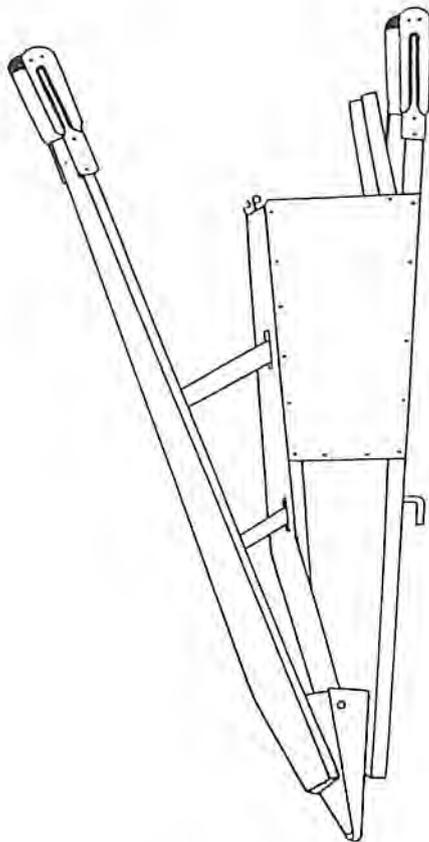
RC — *Nada disso, Uberaba não é apenas o ponto de encontro do selecionador, mas da pecuária nacional, podendo incluir equídeos, e outros trabalhos. Os mestiços estão acobertados por órgãos oficiais, e contam com um trabalho de seleção partindo do Zebu o futuro é que deverá homologar se tais mestiços deverão sobreviver ou não. A ABCZ não está homologando, apenas apresentando, por isso não merece censura.*

AT — Por que os mais escolhidos juízes de Nelore são, geralmente criadores ou estudiosos de Gir: Rômulo Kardec, Arnaldo Borges, Fausto Pereira Lima, etc. Por outro lado, os mais escolhidos para Gir são criadores de Gir; os mais escolhidos de Guzerá também são dedicados ao Guzerá. Por que o Nelore é exceção?

RC — *Bom, um juiz não deve ter vínculo com qualquer raça, no momento de julgamento, como por exemplo: julgar gado de parente próximo ou de plantel que assiste tecnicamente, ou até mesmo crioulos de sua seleção... Ser imparcial, íntegro, deixando as amizades somente para fora das pistas. Assim sendo, de acordo com o seu procedimento e suas atuações cairá na referência do criador e dos órgãos promotores de exposições. Não acho que o Nelore seja exceção, porque estes citados que — segundo você são os mais escolhidos-gostam, têm vivência e são estudiosos também da raça Nelore.*

PLANTADEIRA MANUAL PARA SEMENTES DE CAPIM BUFFEL

Engenheiros da EMBRAPA adaptaram a plantadeira manual de algodão herbáceo para o plantio de sementes de capim Buffel, obtendo economia de sementes e de tempo gasto na operação...



As áreas de pastos cultivados nas zonas semi-áridas do Nordeste eram, até pouco tempo inexpressivas. Entretanto, com a introdução de espécies gramineas destinadas ao pisoteio, essas áreas têm se expandido rapidamente nos últimos anos, principalmente com

o advento do capim Buffel (*Cenchrus ciliaris* L.).

Convém salientar, contudo, que a implantação dessas pastagens não é uma fácil tarefa, devido a diversos fatores. No caso do capim Buffel, um dos prin-

cipais problemas, ao mesmo tempo técnico e econômico, refere-se ao plantio, seja ele feito em covas, em sulcos ou a lanço.

Para semear a lanço um hectare, por exemplo, são necessários aproximada-

SUVARNA O NELORE alternativo que vem da Bahia.



JOÃO ROBERTO A. GARCEZ DE AGUIAR
Faz. Lagoa dos Porcos - Coração de Maria - BA - Fone: (071) 235-4221

mente 10kg de sementes de Buffel, quando estas são usadas na sua forma natural, isto é, sem erradicação de seus pelos. Na semeadura mecanizada, gastam-se 3kg, a uma profundidade de 2,5 cm e espaçamento de 1 a 1,20m entre sulcos. Neste caso, porém, é imprescindível erradicar os pelos das sementes, o que pode ser feito por meios mecânicos ou químicos. O primeiro é um processo muito trabalhoso e geralmente anti-econômico; o segundo, ainda menos acessível aos produtores, consiste em colocar as sementes numa solução de ácido sulfúrico (24 N), durante 30 minutos, secando-as depois à sombra.

Com a objetivo de superar esses problemas, o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), através de seu Programa de Mecanização Agrícola, adaptou uma plantadeira manual para sementes de capim Buffel, colocando uma alternativa simples e de baixo custo à disposição dos produtores interessados no cultivo dessa forrageira.

MATERIAIS E MÉTODOS

A partir das observações efetuadas em vários tipos de plantadeiras manuais, com o objetivo de melhor conhecer seus mecanismos distribuidores de sementes, observou-se a possibilidade de plantar sementes de capim Buffel, na sua forma natural. Esta plantadeira é o modelo manual, específico para o plantio do algodão herbáceo, cujas sementes são envolvidas por uma camada de linter.

A modificação efetuada na plantadeira consistiu apenas na troca do parafuso (rosca em pategada) de regulagem do mecanismo distribuidor de sementes, que na plantadeira original é de 1 1/4" x 1/4" e na modificada deverá ser de 2" x 1/4", rosca grossa. (Figura 1).

Através de amostragem, avaliou-se o número médio de sementes obtidas por

cova, utilizando-se a regulagem mínima da plantadeira.

A autonomia da plantadeira foi verificada da seguinte maneira: encheu-se o reservatório e, a seguir, simulou-se a operação de plantio, sendo as sementes depositadas sobre uma superfície plana. A contagem do número de covas foi obtido através de um registrador marca Kori's Counter RS-207-4 de fabricação japonesa o qual era acionado em sincronismo com o mecanismo distribuidor de sementes.

Efetuuou-se o plantio manual com fileiras contínuas espaçadas de 50 cm.

Para a plantadeira, adotou-se o espaçamento de 50 cm entre fileiras e covas, sendo as condições do solo comuns aos dois tratamentos. A área utilizada em ambos os métodos de plantio foi de 1.250m².

RESULTADOS

Obteve-se uma média de 17,02 sementes por cova totalizando aproximadamente 3kg por hectare. A autonomia do depósito foi superior a 2.000 covas.

Em condições de campo, utilizaram-se 17 homens/hora para plantar 1.250m² com fileiras contínuas espaçadas 50 cm. Enquanto que usando a plantadeira numa área de 1.250m² efetuou-se o plantio com espaçamento de 50cm entre fileiras e covas com 2 homens/hora.

CONCLUSÕES

A plantadeira de sementes de algodão herbáceo poderá ser facilmente adaptada ao plantio de sementes de capim Buffel.

Para o plantio em grandes áreas, seria conveniente aumentar o depósito de sementes, elevando sua autonomia.

O mecanismo distribuidor de sementes apresentou bom desempenho, mesmo trabalhando com sementes impuras.

José Barbosa dos Anjos, José Givaldo de Góes Soares e Vicent Baron — EMBRAPA/CPATSA.

CINCO COMERCIAL DE VEÍCULOS LTDA.

• *Caminhões,
pick-ups e veículos
novos de todas
as marcas.*



• *Não os adquira
antes de nos
consultar,
preços especiais.*



Av. Rio Branco,
533-São Paulo-SP

TELEFONE:
(011)
223-4122

AGROPECUÁRIA TROPICAL

taça a sua
ASSINATURA

Correspondência e Cheque em
nome de: AGROPECUÁRIA TROPICAL

AGROPECUÁRIA TROPICAL
EDITORA LTDA.
Rua São Benedito n° 28 — 1° andar
Uberaba — Minas Gerais
CEP 38020 — Caixa Postal 666

_____ Desejo fazer uma Assinatura de AGROPECUÁRIA TROPICAL: _____

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____

1 Ano: 12,00

Estou enviando:

Cheque nominal a AGROPECUÁRIA TROPICAL, N° Banco n°

Vale Postal

Desejo receber um Recibo

Progênie do recordista mundial

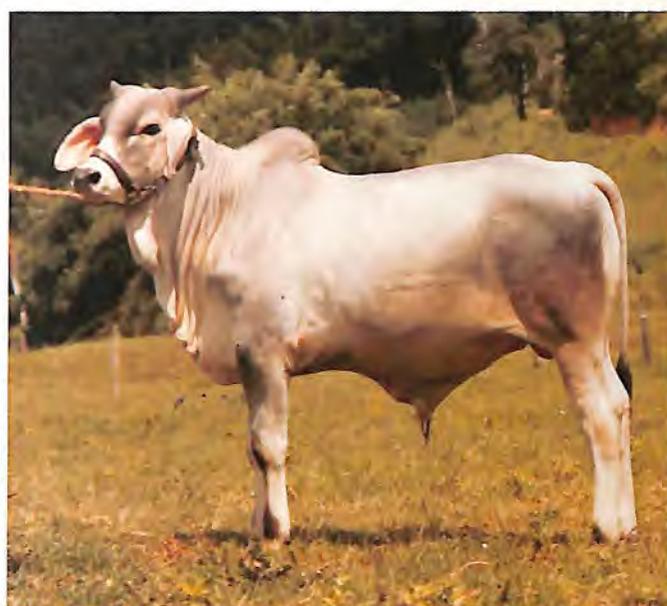
JURAMENTO da Xarqueada **1.147 kg** Campeão Mundial de Peso Guzerá



Recordista mundial em todas as idades.
O zebuino que primeiro atingiu 1.000 kg aos 38 meses. Grande Campeão Nacional - Uberaba/85



ELDORADO - 4M - 380 kg aos 12 meses



CALENDAS - 4M - 580 kg aos 30 meses



Tradição: 21 anos em GUZERÁ
Seleção: GUZERÁ, CHIANINA - Mestiços Guz x Chianina

EMINÊNCIA - 4M - 350 kg aos 12 meses



4 MENINAS AGROPECUÁRIA LTDA.
Fazenda de Arêas - Boa Sorte
Fone 7 - Município de CANTAGALO, RJ
Escritório:
RIO DE JANEIRO, RJ - Av. Rio Branco, 177 - 14.º - CEP 20040
Fones (021) 210-1203 / 245-0980 / 221-1627



*Se toda pureza racial
do nelore mocho
fosse assim...*

Tutuca Suleiman



**TUTUCA E IBRAHIM SULEIMAN
NELORE MOCHO P.O.**

FAZENDA SÃO LUIZ DOS COQUEIROS - Jaborandi (Barretos) - Cx. Postal: 212
Residência: R. Princesa do Sertão, 478, apto. 6, Fone: (034) 333-9904,
Uberaba, MG ou (011) 852-2826 (São Paulo, SP)